

# Bussolando a análise lacaniana

Regina C.C.P. Moran

Neste campo do desenvolvimento da psicanálise por Jacques Lacan, os conceitos: o inconsciente, a repetição, a transferência e a pulsão ganham uma articulação através, muito especificamente, dos conceitos de significante e da sua lógica. Qual o valor desses últimos para a clínica? Como operam na atenção flutuante da associação livre com seus paradoxos? Este texto descobre o que bussola a minha experiência na análise lacaniana. Isso através de seis questionamentos.

- I. Psicanálise é filosofia?
- II. Como opera a clínica lacaniana?
- III. Qual a lógica do significante na transferência?
- IV. Uma abordagem via triângulo de Pascal e caso paradigmático.
- V. Com que lógica operar? Que lugar é este que o analista ocupa?
- VI. Qual é a lógica da cura, em se tratando de psicanálise? Melhor dito da conclusão lógica, do limite do processo?

## I

### *Psicanálise é filosofia?*

Le Gaufey<sup>1</sup> nos conduz pelos caminhos e balizas que Lacan buscou desde Descartes com uma hipótese segundo a qual

[...] a incompletude do simbólico pode enunciar-se nas peregrinações deste saber analítico porque essa incompletude está no centro vital da experiência que põe em jogo e da qual saiu: a da cura. Ao submeter o ser falante ao jogo de azar de sua palavra, desta enfiada (chorrilho) de palavras que dizem, nem mais nem menos, “sua história” ou “seus problemas”, eleva-se o que não se atribui a nenhum marco além da questão do marco mesmo, do que vem a fazer um, nessa maré de enunciados, desprendendo um resto inclassificável, errático, que nenhuma apreensão, ainda conceitual, pode bloquear. A empresa da cura não é racionalmente seletiva, já que busca combinar-se segundo o acaso, indo ao encontro à inclusão do que qualquer outra empresa do saber, que funcione segundo “a ordem da razão”, deveria excluir inicialmente: trata-se do resto sem razão ao qual a razão deve muito, especialmente quando se imagina ser uma. (GAUFEY, 2012, p.19 - p.20, tradução nossa).

---

<sup>1</sup> LE GAUFEY, Guy. *La incompletude de lo simbólico: De René Descartes a Jacques Lacan*. 1. ed., Buenos Aires: Letra Viva/ Ediciones Lecol, 2012.

Combinar-se segundo o azar, azar aqui cujo significado rastreio de Garcia-Rosa<sup>2</sup> como acaso, nos remete ao entendimento da rede de significantes, por Lacan, como o *automaton*, ou seja, ao pressuposto de uma ordem natural em relação à qual é uma exceção — o movimento da rede de significantes obedece a um acaso secundário em oposição ao acaso original — o traço unário<sup>3</sup>.

[...] Isso não quer dizer que esse *einzigiger Zug*, este traço único seja, no entanto, dado como significante. De modo algum. É muito provável, se partimos da dialética que tento esboçar diante de vocês, que seja possivelmente um signo. Para se dizer que isso é um significante, seria preciso mais. É necessário que ele seja ulteriormente utilizado em, ou que esteja em relação com, uma bateria significante. Mas o que define a este *ein einzigiger Zug* é o caráter pontual da referência original ao Outro na relação narcísica. (LACAN, 1992, p. 344).

Do acaso secundário advém a bateria significante a partir da relação ao traço unário que Lacan nomeia de enxame de significantes-mestre. Esses últimos entendidos como uma causa estruturante sem a participação do sujeito como autor, uma participação passiva. Esses representantes pulsionais têm movimentos próprios regidos pelo princípio do prazer.

Para além desse princípio a ordem devém de um encontro faltoso com o real cuja função é a de repetição da cadeia do desejo. Cadeia esta que retorna ao mesmo lugar na revolução sob a *aletosfera lacaniana*: ligada ao e pelo movimento da cadeia significante. É nessa falta, nesse resto, nesse real o lugar do passo na engrenagem que dá a marcha da repetição, o real que parece ao acaso, de fato o *tyche*, ou seja: a função do real como lei que rege a cadeia significante movida pelo *outomaton*.

Reconhecer essa lei é o mais próximo que a psicanálise pode chegar do real, do despotismo no movimento próprio da cadeia significante, abrandado após escrutinizar a lei. Lei que rege o triplete real-verdade-saber naquilo que pode haver passe de sucessivas ausências. Ausência do nada que é o sujeito do desejo representado pelo nada que o significante representa. Esse último não quer dizer nada, no sentido de que todos dizem a mesma coisa, ou seja, o sujeito como nada, clareza encontrada em Borch-Jacobsen<sup>4</sup> no discurso da histórica: o saber que passa a ocupar o lugar do gozo no discurso do mestre, revelando a relação do saber com o gozo. Saber que é função do real.

Aponta-nos Badiou<sup>5</sup> três maneiras da psicanálise diferir da filosofia: o registro que a psicanálise busca é o do *ab-senso*, ou do senso *ab-sexo*; o saber como real; e o caráter não especular com o qual dispõe a psicanálise sentido e verdade, articulando o

---

<sup>2</sup> GARCIA-ROSA, Luiz Alfredo. *Acaso e repetição em psicanálise, uma introdução à teoria das pulsões*, 2. ed., Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

<sup>3</sup> LACAN, Jacques. (1991). *A transferência, (1960-1961). Livro 8*, Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

<sup>4</sup> BORCH-JACOBSEN, Mikkel (1991). *El Amo absoluto*. Buenos Aires: Amorrortu editores S.A., 1995.

<sup>5</sup> BADIOU, Alain e CASSIN, Barbara (2010). *Não há relação sexual: duas lições sobre o “aturdido” de Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

tripleto saber-verdade-real, verdade como função do real no saber, indecomponível.  
Esclarecendo que

[...] Se, em contraposição, o real não é aquilo de que há verdade, e se ele tampouco é o que é sabido, ou seja, se não existem os pares filosóficos arrancados do tripleto: verdade do real, saber do real e verdade desse saber, então o enunciado quanto ao Um não pode ser “o Um é”. O enunciado será “há Um” (il y a de l’Un). O “há Um” é uma subversão radical da tese especulativa, ou filosófica, “o Um é”. (BADIOU, 2010, p.76)

## II

### *Como opera a clínica lacaniana?*

Não há análise sem transferência. O algoritmo da transferência toma como seu pivô o sujeito suposto saber no caminho de sua destituição. Qual é o caminho traçado por Lacan?

Como primeiro passo: a operação lógica de negar o cogito. Podemos identificar uma imprecisão no uso por Lacan da teoria de conjuntos, mais especificamente dos diagramas de *Venn*, na ilustração da operação lógica da negação do cogito que é o ponto de partida para a construção do postulado analítico que será enunciado mais adiante.

A representação é inexata e esclareceremos o porquê.

Quando Descartes interroga-se sobre o que poderia saber com certeza absoluta, e considera os eventos de estar sonhando ou enganado por um mal demoníaco e, portanto, em estado de erro quanto à parte de suas crenças, conclui ele que a única coisa que poderia saber com certeza é: “Penso, logo existo”. Sobre essa certeza não pesa o engano, pois se aí houver engano, para estar enganado, ainda assim devo existir. Nessa linha rastreia-se também para Descartes o problema do conhecimento de coisas sobre o mundo e a questão do dentro e fora da consciência.

Na formulação do cogito através da teoria de conjuntos, para nesta formulação aplicar a operação de negação, Lacan ignora no logos cartesiano o lapso inscrito no logo, a favor do logos da psicanálise.

Representa então o ser e o pensamento por círculos, como mostra a figura 1 abaixo:

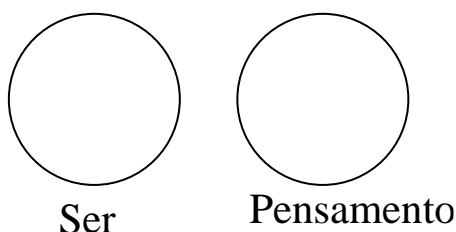


Figura 1

Usando o conceito de álgebra de conjuntos pela ilustração gráfica dos chamados diagramas de *Venn*, representa o cogito cartesiano pela operação chamada intersecção:

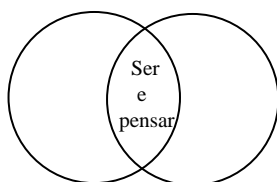


Figura 2

Residindo o uso não ortodoxo nesse passo da representação no fato de que à operação algébrica de intersecção corresponde a ocorrência simultânea do ser e do pensamento com a perda do logo... Além do cogito cartesiano.

A negação dessa operação de intersecção resulta na união de duas possibilidades, que são disjuntas, mutuamente excludentes. Assim, a negação da intersecção tem dois componentes cuja intersecção é vazia.

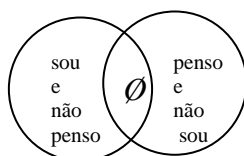


Figura 3

O componente da negação, sou e não penso, dá lugar, em seu complemento vazio, ( $\emptyset$ ), ao Isso, lugar que ocupam como nativos a função *tyche*, o encontro com o acaso original e a impressão do traço unário. Destes advém a sobredeterminação do enxame, também denotado  $S_1$ , que apoiado no substrato do recalque primário e, sob sua regência no encontro com o real, vem constituir o conjunto dos significantes-mestre. Na contagem do vazio que sou onde não penso, uma bricolagem do enxame de  $S_1$ , no registro imaginário, lugar de representações, dá forma ao Isso, pela inscrição dos representantes, significantes-mestre. Em nossa leitura de Garcia-Rosa<sup>6</sup>, identificamos aí a “[...] simbolização primitiva anterior à aquisição da fala, e é o mecanismo pelo qual alguma coisa passa a ter existência para o sujeito” (GARCIA-ROSA, 2014, p.120).

Na negação lógica do cogito temos então a fonte das operações que constituem o algoritmo do movimento analítico: alienação, verdade, transferência e separação.

Segue a representação da operação de alienação:

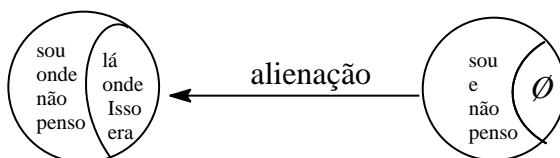


Figura 4

<sup>6</sup> Idem 2.

É pela operação de alienação que o primeiro estatuto do sujeito se inscreve na escolha do ser onde não penso, num ensaio de identidade consigo mesmo, cujo caminho lógico paga seu preço na constituição do Isso. O Isso: versão alienada do sujeito, cujo enigma sob a forma de fantasma desmente seu esforço de preservação narcísica. Ser eu onde não penso sustenta-se no fantasma: o conhecimento do real se dá através do fantasma, esse sustenta a identidade do sujeito. Não penso é correlato no Isso a uma estrutura gramatical que exclui o Eu: neste lugar o movimento pulsional acéfalo, não tem a marca do Eu e não pode prescindir da estrutura do fantasma, essencial para constituição subjetiva.

Cada marca no vazio contando na imagem que constituirá o ego ideal. Sob a maestria de *tyche* os elementos da lei se constituíram a partir de três operações. O primeiro tempo da operação *Bejahung* (afirmação primitiva do processo primário que o diferencial prazer-desprazer reconduz à busca de unificação originária), e da forclusão, *Verwerfung*, do traço unário, primeira existência de registro no Isso, que sob também o diferencial prazer-desprazer, escapa da simbolização e aparece no real. Também a operação da denegação, *Verneinung*, apoiando-se no primeiro tempo da constituição dos elementos da enunciação no Isso, baseando-se já no juízo de existência, enquanto as do primeiro tempo baseiam-se no juízo de atribuição. A ordem que advirá desse diferencial: o princípio do prazer.

O ideal do ego na sua mais estreita relação com o ego ideal, no que o sujeito trabalha para harmonizar como se vê e o que diga respeito a como é visto, busca uma organização subjetiva imaginária na qual não seja reprovado, o que seria narcisisticamente altamente desvantajoso. Aí onde Isso era, o sujeito é barrado e capturado na linguagem, no jogo das palavras, confrontado com o significante, alguns dos quais se esgrimam produzindo efeitos que são constatados em análise. Efeitos resultantes da opacidade do recalco mais original, lá onde Isso era, o recalco primário, e os subsequentes, que vêm a sobre determinar as ações do sujeito. Vale aqui servirmo-nos da função do que é o trauma, o que certos acontecimentos situarão em um determinado lugar da estrutura, onde adquirem o valor de significante que ao trauma, à emergência de tais significantes, permitem ao sujeito escapar-se. Assim é que na análise opera-se no registro da negação. Como o algoritmo analítico opera neste registro? Lacan<sup>7</sup> questiona e responde:

[...] A análise é uma introdução do sujeito ao seu destino? Será esta a verdadeira questão? Certamente que não. (LACAN, 1992, p.311).

---

<sup>7</sup> Idem 3.

[...] Limitemo-nos, por ora, à questão seguinte — podemos dizer que a mestria que adquirimos deste deciframento onde se observa a figura do destino nos permite obter, o quê? — digamos o mínimo de drama possível, a inversão do signo. (LACAN, 1992, p.312).

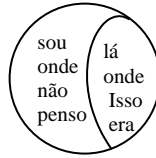


Figura 5

Esta, acima, é a desembocadura da vertente da operação de alienação, que na análise dá início à trajetória diagonal que prepara nos passos do algoritmo, uma combinação especial, nova, entre o Isso e o inconsciente, com consequência na relação entre o ser e o pensamento.

A outra componente da negação do cogito consiste no lugar em que penso onde não sou, e seu complemento vazio dando lugar ao ICS pela operação verdade.

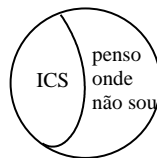


Figura 6

Que como será visto adiante, nas operações de transferência e verdade, a representação acima, localiza-se no polo de chegada de ambas. Partindo do elemento da negação lógica do cogito, penso onde não sou, tem lugar a operação verdade, como representada a seguir:

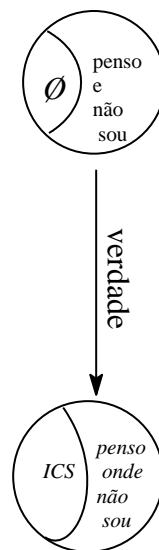


Figura 7

Inconsciente, estruturado como linguagem, articulação do conjunto dos significantes denotados por S2. Esses resultantes já do processo secundário, no qual, a partir do Isso, as manifestações do inconsciente terão lugar a partir do penso onde não sou: consentimento na ex-sistência que acompanha o acesso ao inconsciente. A operação verdade mais exclusiva do movimento analítico, verdade que se soletra antecipada, na ex-sistência do sujeito do cogito, quando pensa onde não é.

Continuando nesse caminho como ilustra Miller<sup>8</sup>, na análise, o sujeito consentindo ao pensamento inconsciente ao preço de seu ser onde não pensa, passa a pensar onde não é, assim o postulado analítico é que se possa fazer essa trajetória do inconsciente invocado a partir do não penso. Representada como segue:

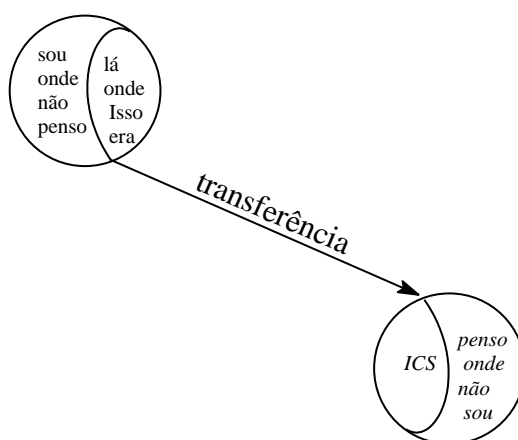


Figura 8

A transferência, esta experiência no processo analítico, exige então um estado inicial do sujeito que renuncie ao cogito e se autorize, pela paixão pela verdade, a reconhecer sua alienação ao gozo do Outro, expresso na forma do superego, sede dos significantes que se esgrimam no ideal do ego ferindo a harmonia narcísica pelo imperativo que ordena: goze! A inscrição no Outro é de vontade de gozo e não de castração. Isso porque ser vinculado ao não penso concerne ao modo de gozar, e o gozo responde à pulsão na sua busca de satisfação. Diferentemente de como a demanda e o desejo respondem à mesma busca por satisfação.

Abaixo a representação dos caminhos do sujeito no movimento analítico, de presença e ausência, momentos que escapa, momentos que comparece, no desvelamento de sua alienação ao Outro onipotente, quando da relação do sujeito e o Outro, anterior ao corte da castração, cuja herança são as marcas significantes, S(A), do sou onde não penso. Por ocasião da castração, perda da onipotência do Outro, estas mesmas marcas

<sup>8</sup> MILLER, Jacques-Alain. *Donc, A lógica de la cura*. 1. ed. Buenos Aires: Paidós, 2011.

serão suporte das inscrições no Isso, parte destas marcas pelo efeito da castração constituintes do conteúdo recalçado.

Esse significante da falta no Outro<sup>9</sup>, muito diferente da falta do Outro, ao final da análise vem expressar o valor do chamado: “tesouro dos significantes”. Valor esse correspondendo às respostas pedidas ao Outro, que virão como respostas a questões sob a forma de gozo, ou seja, em termos de satisfação da pulsão e não em termos de significação.

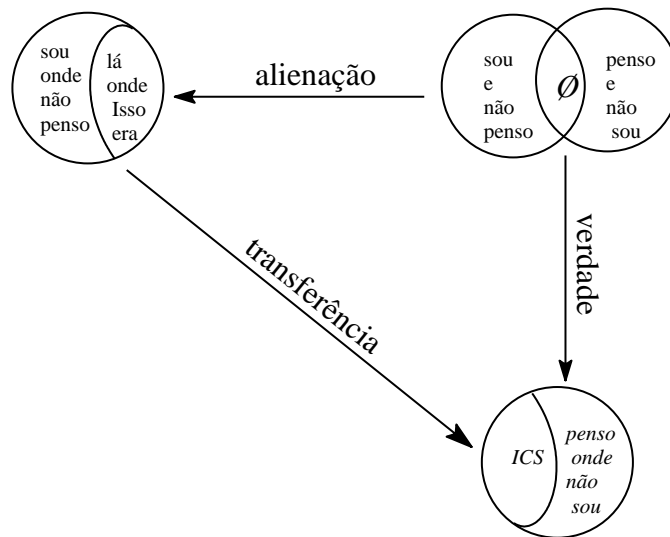


Figura 9

O diagrama acima longe de ser fechado, no beco sem saída das manifestações do inconsciente, leva pelo passo a passo à resolução de fim de análise que Lacan chamou de travessia do fantasma, o ser que era onde não pensava, no seu *des-ser* ocupa o lugar do objeto causa de seu desejo, desembaraçado de suas identificações imaginárias, os significantes-mestre produzidos no discurso do analista, aqueles que permitem ao sujeito não ceder de seu desejo. Assim é que completando seu processo de castração o sujeito chega até a negatização do falo. Lembrando que lá onde Isso era, o que se acumula são as respostas imaginárias do sujeito ao seu “*Che vuoi*”: seu ego ideal e seu ideal de ego.

Na operação de alienação, sou aderido aos significantes do Outro, S(A), o Eu sou das identificações das relações imaginárias, componentes do conteúdo recalçado do Isso, que ao passar pela castração, passa também a ser o suporte de:

$$S(\overline{A})$$

<sup>9</sup> MILLER, Jacques-Alain (2010). *Los divinos detalles*. 1. ed. 2 reimpressão. Buenos Aires: Paidós, 2011.



É deste lugar, do inconsciente articulado como linguagem, que a repetição é sustentada, o acontecimento da castração no final do complexo de Édipo, com seus recalques secundários a imperar na repetição. O sujeito autorizando-se ao pensar onde não é, complementa a repetição na petição de rearranjo na articulação significativa. É assim, que passa pelos cortes e perdas inevitáveis e irreversíveis do processo de *des-identificação* que resulta da operação de separação da transferência .

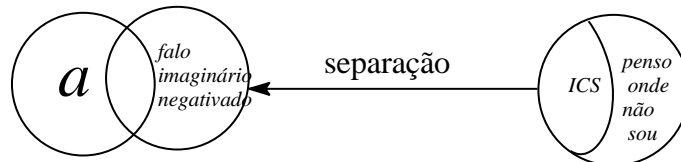


Figura 10

A operação de separação efetiva-se no lugar das interpretações do sem sentido das formações do inconsciente propiciando seu fechamento. No algoritmo que articula as três operações este ciclo de abertura e fechamento do inconsciente realiza-se de maneira repetida. O trabalho da interpretação deixa no fantasma o resto do objeto libidinal do mais de gozar no lugar agora da impossibilidade<sup>10</sup>. Aqui a transferência é referida à articulação significativa, e o trabalho do inconsciente, que ligados ao mesmo destino, transferência e inconsciente, destino de dissolução da relação do sujeito e do inconsciente pelas repetidas passagens na operação de separação.

Representação, no diagrama abaixo, do movimento analítico nas três operações que o constituem a partir da entrada do sujeito na aventura da análise, que vista desta forma pode ter ponto de partida e ponto de chegada, dependendo da ação analítica na tentativa de responder ao inconsciente.

<sup>10</sup> LACAN, Jacques. (2001). *Outros Escritos*, Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

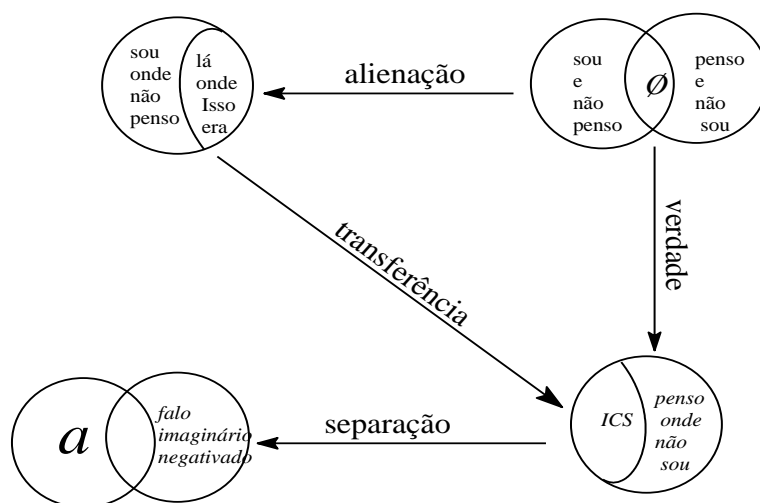


Figura 11

Ao final da análise a castração completada está na fig.11, representada pelo falo imaginário negativado e seu correspondente resto de gozo, preservando o lugar vazio das futuras passagens do sujeito nas novas manifestações do inconsciente. A cada significante mestre agente do discurso do mestre, transferido pela sua produção no discurso do analista, um rearranjo gramatical de *alíngua* justifica o adjetivo nova.

Esse uso não ortodoxo dos diagramas de Venn, no que tange à representação do ser, e pensar no vazio denotado pela intersecção (Fig. 2 e Fig. 3), ponto de partida para as representações desenvolvidas até aqui por esses diagramas justifica-se, então, visando melhor preparo para o entendimento da construção da sessão analítica como derivada em Miller<sup>11</sup>, extraímos o seguinte:

Pois bem, notemos que o primeiro tempo está feito de uma combinação entre o ser e o pensamento, entre o Eu não penso e Eu não sou [Fig.3]; o segundo tempo é um sacrifício do pensamento ao ser [Fig.5]; o terceiro um sacrifício do ser ao pensamento [Fig.6] — e isto descreve nomeia o que tem lugar na sessão analítica, na qual se convida o sujeito a sacrificar seu ser ao pensamento [a transferência, Fig.9]. Em ocasiões se está tomado por isto, se está seriamente histerizado, experimenta em todos os seus efeitos patológicos esta dissipação do ser [Fig.11]; já não se sabe onde está, e às vezes quando a sessão se encerra testemunha o extravio em que se acha por ter de reinvestir no seu ser eu ao final da sessão. (MILLER, p.401, tradução nossa).

Oportuno lembrar como Dör<sup>12</sup> esquematiza a simetria invertida e o antagonismo radical dos tempos lógicos que Lacan<sup>13</sup> introduz no processo analítico. Os três tempos da destituição subjetiva: o instante de olhar, o tempo para compreender, o momento de

<sup>11</sup> Idem 8.

<sup>12</sup> Dör, J. (1992) *Introdução à leitura de Lacan, vol. 2. Estrutura do sujeito*. Porto Alegre, Editora artes Médicas Sul Ltda, 1995.

<sup>13</sup> LACAN, Jacques. (1966). *Escritos. O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada*. P.197 Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

concluir. E os três tempos da edificação subjetiva: a dúvida (correlata ao instante de olhar), o cogito (correlato ao instante de compreender) e a construção do saber (correlata ao momento de concluir).

É então suportando a repetição desse processo que se chega à travessia do fantasma, Fig.11. A repetição da operação de separação do movimento da transferência, levando, pelo caminho da verdade, ao afrouxamento, a uma maior folga nos apertos dos recalques secundários. Muda a engrenagem significante e a marcha do inconsciente. É uma nova estruturação do inconsciente, atualização transformadora de sua linguagem. Modifica-se o padrão de sonho, dos atos falhos, enfim da *alíngua*.

Como todo processo pode ter tropeços, a análise não é exceção. Talvez por isto, Miller<sup>14</sup>conclui comentando que, se seguimos essa referência, [...] *há uma sorte de necessidade de que o tempo quatro venha dado por uma nova combinação entre o ser e o pensamento, e o fim da análise no sentido de Lacan, é logicamente uma nova combinação desta índole.* (MILLER p.401, tradução nossa). Essa nova combinação articula aquilo que depende do significante com aquilo que depende do gozo. O recalque que operava numa lógica acéfala do sou onde não penso, passa ao estado de destituição subjetiva do sujeito do inconsciente no instante que pensa onde não é, e nessa experiência da *Spaltung* reside a incidência da função fálica que subtrai do significante seu potencial de gozo. Passa-se assim do gozo do Um ao gozo do há do Um. A incidência da função fálica redefine a lógica da operação significante no que essa operação determina o modo de gozo.

O movimento do sujeito em análise, no processo já descrito e representado na Fig.11, pode encontrar experiências de impasse: a passagem ao ato e o acting out.

O sujeito encapsulado no polo da alienação, impedido de continuar a trajetória da transferência, está assujeitado a uma passagem ao ato, pelo efeito de ejaculação que os significantes mortíferos da alienação, possam ter ao encaminhar o assujeitado para um gozo da mesma espécie. Gozo mortífero, que o aniquila e o priva da experiência da separação. No ápice desse processo está o suicídio, mas nas encostas muitas outras maneiras dessa passagem, droga adição uma delas.

A outra experiência de impasse, pelo encapsulamento no polo do encontro com a verdade, em geral diante do malogro de uma interpretação, que o analisante experiência com faltante, gera o impasse no movimento de separação. Sem essa última passagem (separação), pelo saber sobre o significante a partir do qual imperou o gozo revelado na sessão, fica o sujeito convocado na sua divisão, atravessado pelo gozo, barrado do saber que o interpreta, portanto passivo do significante que o tiraniza... Na continuação do *acting da associação livre* que o priva de seu ser em favor do pensar, lá onde pensa mas não é, o sujeito parte para um *acting out*.

---

<sup>14</sup> Idem, ibidem8.

Na busca de uma boa condução da sessão de análise cabe reconhecer a “teoria da prática da psicanálise”<sup>15</sup>, destacando que uma teoria da cura requer reconhecer diversos estados do sujeito. No movimento analítico os estados correlatos às operações da análise serão três.

O estado inaugural do sujeito dividido, um estado anterior à cura e portanto o estado do analisante, na sua divisão entre alienação e verdade. Na alienação, o estado inaugural do sujeito no qual no lugar de amo do seu ser, diz Eu, e identificado narcísica e egoicamente só conhece o real através do fantasma. Sua *alíngua* está falada a partir do discurso sem palavras do mestre, este discurso que dá a configuração dos significantes a determinar a fala. Essa fala do analisante quando enuncia sua demanda para o analista, a fala da procura inicial pela análise, é tecida de enunciados do Eu sou, enunciados esses que concorrem com um enigma proposto ao analista. Esse enigma está barrado numa enunciação que demanda decifração. Uma enunciação cujo enunciado se articula a partir de significantes no Isso, portanto inacessível ao analisante, uma enunciação que só será enunciada a partir dos significantes a serem produzidos no discurso do analista.

Num segundo momento o segundo estado do sujeito em análise evidencia uma mudança de discurso. Uma mudança de discurso pelo efeito da transferência que, leva o sujeito ao estado de analisante, que pode assim franquear o acesso ao inconsciente pelo agente do discurso da histórica, que apresenta outra configuração entre o objeto imaginário e sua relação com o sujeito dividido. O sujeito dividido como representante, portanto significante da falta ou do objeto imaginário, configurando uma dialetização entre os significantes componentes correspondentes à negação lógica do cogito: portanto, entre o significante do sujeito dividido, na componente da divisão que onde pensa e não é:

§

com a componente da negação lógica do cogito correspondente onde é e não pensa ( $S_1$ ). Esta dialetização na forma do discurso da histórica tem como produção um saber que tem como efeito a falta, como verdade a falta.

O terceiro estado do sujeito<sup>16</sup>, estado ao qual o sujeito passa pelo esgotamento da produção do saber pela *alíngua*. Este estado é resultado de cada acontecer de novo da transferência considerada a partir do sujeito suposto saber. Nessa vertente da transferência, o pivô é a partir da alienação ( $S_1$ ) e a transferência se dá numa relação com  $S_2$ , portanto diz respeito a uma articulação significativa. Essa articulação, colhida no movimento da verdade, enseja a operação de separação na qual um saber decifra o enigma lance por lance, acontecimento por acontecimento. Quando o analisante exauri este processo, o sujeito passa ao terceiro estado que é seu estado de saída: o sujeito como pura falta: significante do falo negativado. O saber inconsciente passou pela suficiente decifração. Este saber que não se sabia é suporte da repetição que governa,

---

<sup>15</sup> Idem, ibidem 8, p.425.

<sup>16</sup> Idem, ibidem 8, p.216.

constrange e embaraça o sujeito no enovelar do mesmo. O algoritmo da transferência, operando eficientemente pelas quatro operações, desenrola esta intriga, esse enredo, essa cilada que o saber inconsciente prega quando não é decifrado. É assim que no final do processo, o sujeito no seu estado terminal livra-se do indesejado acontecer de novo e experimenta o lugar do novo acontecer.

O fantasma no algoritmo da transferência reúne (articula) o Eu não penso e o Isso, os elementos que asseguram ao sujeito uma identidade e uma constância e reúne (articula) então o Eu e o gozo. O inconsciente como Outro inversamente vai tanto contra a identificação como contra a fascinação do fantasma, o inconsciente é um modo muito distinto de ser do sujeito — a inexistência, o Eu não sou. O triângulo da divisão do sujeito, divergindo nas direções tomadas pela alienação e pela verdade com a hipotenusa representando a transferência, Fig.9, a direção de trazer o sujeito da passividade do fantasma a trabalhar, desvendar a verdade do que o aliena, a partir da alienação, recebendo e dando passagem à verdade de cujo encontro parte a direção da separação.

Lacan<sup>17</sup> esclarece que o matema do fantasma, sua notação:

$$\mathcal{S} \diamond a$$

[...] não designa uma relação do sujeito com o objeto, mas o fantasma, na medida em que sustenta o sujeito como desejante, ou seja, em um ponto para além do seu discurso. Ele significa que o sujeito está presente no fantasma como sujeito do discurso inconsciente, está presente no fantasma enquanto nele é representado pela função do corte, quer dizer, por sua função essencial em um discurso — e não qualquer discurso, um discurso que o destrói, o discurso do inconsciente. (LACAN, 2013, p.536, grifo nosso, tradução nossa).

### III

#### *Qual a lógica do significante na transferência?*

Tudo é estrutura, mas nem tudo é significante, pontua Braunstein<sup>18</sup> referindo-se ao discurso do mestre, onde a operação significante cujo efeito é o sujeito, corresponde um produto de heterogeneidade radical, um real irreduzível, objeto inalcançável que representa o gozo perdido. Assim é que marcas de renúncia aos gozos, oral, anal, uretral, muscular, escópico, “*são todas preparatórias de uma renúncia final que ressignifica retroativamente todas elas e os fantasmas que lhes correspondem*”. (BRAUNSTEIN, 2007, p.70). Isto uma vez que cada objeto presente no imaginário está marcado pela decepção, pela negatividade, pela castração, na distância que registra o impossível do encontro com o objeto perdido. A alienação à palavra do Outro é anterior à bricolagem que resulta dessas renúncias que dizem respeito ao gozo corporal. No lugar da falta deste gozo impossível, um vazio, é nesse vazio que vai tomar lugar o

---

<sup>17</sup> LACAN, Jacques. (1958-1959). *Le Séminaire livre VI, Le désir et son nterpretation*. Éditions de La Martinière et Le Champ Freudien Éditeur, 2013.

<sup>18</sup> BRAUNSTEIN, Néstor. *GOZO*. São Paulo, SP : Editora Escuta Ltda, 2007.

significante. Miller<sup>19</sup> nos articula a transferência aos discursos, no texto que aqui alinhavamos aos matemas, apontando que

a alienação depende da relação de dois significantes que tem um efeito de sujeito. Então os três termos já estão em seu lugar:

$$\frac{S_1}{\cancel{S}} \longrightarrow S_2$$

E o lugar do sujeito barrado até esta escrita está vazio. Ainda com Miller,

Um dos dois significantes necessariamente é rejeitado. A operação de separação compensa, de alguma maneira o recalque com a aparição do objeto da pulsão. O matema do discurso do mestre condensa duas operações: alienação e separação.

$$\frac{S_1}{\cancel{S}} \longrightarrow \frac{S_2}{a}$$

E o autor continua

[...] Lacan comenta seu esquema no O Averso Da Psicanálise. Faz girar os termos e diz: ali se vê realmente que o sujeito barrado se coloca no lugar do significante amo, não o obedece, o relança no lugar do outro, do escravo, seu corpo expressa mais um dizer-que-não, que um dizer- que- sim”. (MILLER, p.143, tradução nossa).

Dizer que diz respeito à castração, mais um dizer-que-não à castração, é assim que nos torna precisa a questão da histórica, que dividida pelo significante recusa ser o corpo que obedece ao significante-mestre, o corpo possuído pelo significante-mestre. Na complacência da histórica com referência ao desejo, se seu corpo está possuído é pelo desejo do Outro. Desse modo reconhecemos o matema lacaniano da histórica nos numeradores e a respectiva articulação no discurso que lhe corresponde:

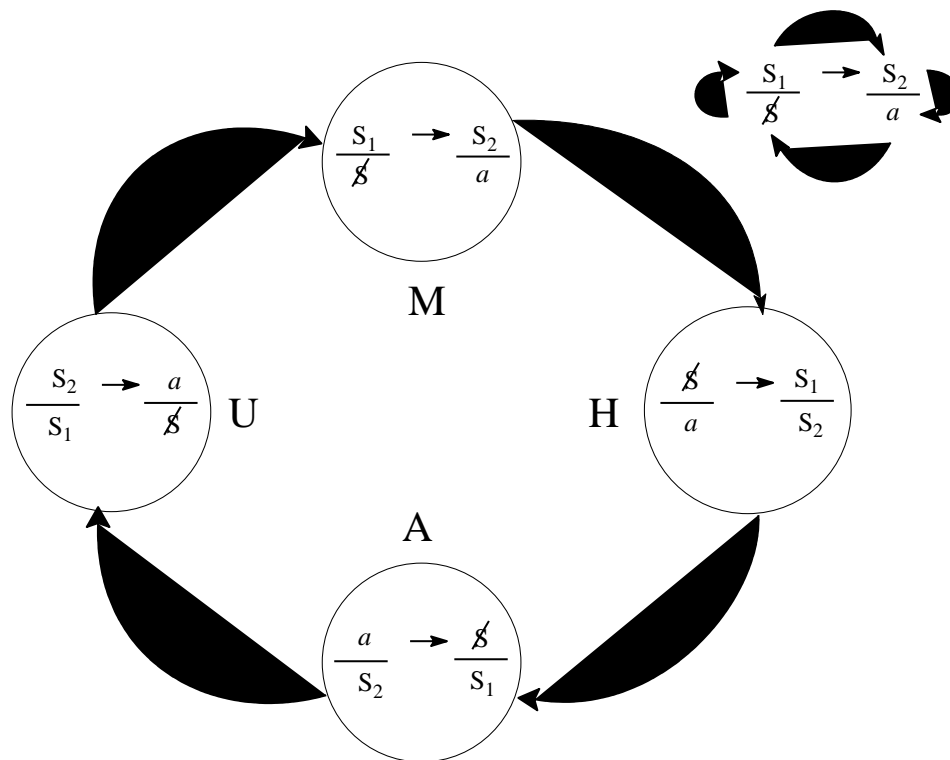
$$\cancel{S} \longrightarrow S_1$$

Trata-se do sujeito dividido com relação ao significante-mestre, lugar da separação entre enunciado e enunciação correspondendo a uma separação entre o sujeito e o significante ao qual não está franqueada a função de representante.

Por isso, na associação livre, as garantias do direito comum são invertidas: nada do que diga poderá ser utilizado contra o analisante, e o contrato entre analista e analisante obriga, este último, ao contínuo testemunho contra si mesmo. Recusada essa perda de garantias, não há análise possível. Nem todos estão dispostos a permitir essa experiência, tampouco aptos.

<sup>19</sup> MILLER, J.A. et al. *Embrillos del cuerpo*, 1. ed., Buenos Aires: Paidós, 2012.

Abaixo um esquema de como situar a questão da atribuição subjetiva na cadeia significante, a partir de sua estrutura.



A questão da atribuição subjetiva na escuta analítica demanda atenção à qual a estrutura do discurso a determinar a fala daquele analisante e fazer os giros necessários. Entre os discursos será preciso escutar a polifonia e a modificação contínua da posição do sujeito. Como isto se dá? Na passagem do sentido gozado para o gozo do sentido.

Lacanianana II<sup>20</sup>, encontramos esse esclarecimento:

Sem dúvida, há que se diferenciar a linguagem de *alíngua*: retomando sua forma canônica, Lacan insiste no fato de que o inconsciente está estruturado como uma linguagem e não como *alíngua*. Quer dizer, ainda quando *alíngua* é muito variada, contudo oculta certo número de marcas que constituem a ordem da linguagem e interessam aos psicanalistas. (SAFOUAN, p. 236, tradução nossa).

Prossegue ainda o mesmo texto indicando que a vertente que interessa aos psicanalistas que trabalham com o inconsciente e a repetição é a da gramática e da lógica e que a vertente útil de *alíngua* é a da estrutura de linguística, lógica do dizer a partir de geradores, ou seja, discursos. *Alíngua* fala da verdade de um sujeito que se diz a si mesmo em sua evanescência.

Nada melhor para responder sobre a gramática e a lógica da linguagem que fala pela *alíngua* do que o seminário ...ou pior<sup>21</sup>. Nesse seminário Lacan recorre ao triângulo

<sup>20</sup> SAFOUAN, M. *Lacanianana II: Los Seminários de Jacques Lacan, 1964-1979*, 1. ed., 1 reimpressão, Buenos Aires: Paidós, 2009.

de Pascal, escrito para exibir as chicanas das cadeias significantes, suas possibilidades na enumeração de suas combinações por pura diferença. Recordando Le Gaufey<sup>22</sup> quando escreve “*eleva-se o que não se atribui a nenhum marco que a questão do marco mesmo, do que vem a fazer um, nesta maré de enunciados, desprendendo um resto inclassificável, errático, que nenhuma apreensão, ainda conceitual, pode bloquear*”. (GAUFEY, p.19-20, tradução nossa). Assim, do significante da falta fundamental, o zero, que é contado pelo Um (1) faz o marco, e então, a cada mais um, que por pura diferença conta cada nova falta, surge um conjunto de palavras, cujas combinações são a base das possibilidades de composição em cadeia. Esses significantes, elementos do conjunto de significantes, e, por isso mesmo, perfeitamente indiferentes uns com relação aos outros, não mantêm entre si relações de qualquer ordem ou hierarquia, e é o Ego que na sua constituição colocará ordem, servindo como suporte e dando substância a esses significantes-mestre. A partir do superego articulações de uma segunda ordem darão origem aos imperativos de gozo, exigência dos conteúdos recalçados.

#### IV

##### *Uma abordagem via triângulo de Pascal.*

Passamos a construir o triângulo de Pascal<sup>23</sup> a cada linha para contemplar as complexidades com que os elementos das cadeias significantes ocorrem nas manifestações do inconsciente. Minha leitura do triângulo de Pascal baseia-se numa articulação com o texto de Miller<sup>24</sup>.

A primeira linha do triângulo tal como utilizado por Lacan<sup>25</sup>, vem representar o encontro com o real, sempre faltoso, a partir do momento em que a primeira falta, a falta primitiva, mítica, correspondendo à inexistência do objeto de completude que passa a ex-sistir, a marca desta falta, o zero (0) dessa primeira linha e na primeira coluna (na primeira casela), é registrada como Um (1) (na segunda casela dessa primeira linha). Entendamos esse Um, como o traço unário, marca da singularidade do modo operandi do sujeito. A partir desse marco, uma sucessão de faltas, de vazios, correspondentes aos encontros faltosos com os objetos metonímicos, faltas que na escrita da primeira linha do triângulo, toma como seus representantes os zeros que se sucedem. Na terceira coluna da primeira linha identificamos o representante da perda no acontecimento do recalque primário. Já, a partir da quarta coluna os zeros dessa primeira linha compõem-se como representantes das repetições que buscam a Coisa e encontram coisas que não a Coisa, nessas repetições de encontros com cada objeto.

---

<sup>21</sup> LACAN, Jacques. *...ou pior*, livro 19. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

<sup>22</sup> Idem 1.

<sup>23</sup> Idem, ibidem 21.

<sup>24</sup> MILLER, J.A., *Introducción al método psicoanalítico*. 1. ed., 9 reimpressão. Buenos Aires: Paidós, 2012.

<sup>25</sup> Idem, ibidem 21.



Nessas experiências de falta registros de medida de distância entre o objeto pretendido e o encontrado. Essa distância que no limite tendendo a zero vem constituir-se como causa de angústia, sintoma, inibição, ou psicose. Psicose quando há falta da falta, não há distância a ser medida. Assim a manutenção desta distância preserva os lugares do sujeito e do objeto. No limite o objeto *a* inscrevendo-se no lugar do sujeito, acontecimento da travessia do fantasma, a falta constitutiva do sujeito vem a desvelar-se concomitantemente ao vazio do objeto *a*. Ou vice-versa, o sujeito inscrito no lugar do objeto, nessa configuração do limite da distância entre sujeito e objeto, podemos falar na operação inversa à travessia do fantasma. Na operação inversa, quando estamos nesse limite de distância tendendo a zero, a relação do sujeito com o objeto é uma vivência de tamponamento, o sujeito aspirado no furo do Outro, essa sua *aspiração* o deixa copulando como objeto perante o fracasso do recalque original. A função do fantasma é preservar essa distância do buraco do Outro, e a travessia do fantasma na irreversível experiência da *expiração* de ocupar esse lugar, fim do prazo de buscar tamponar essa falta, renúncia de praticar *bump jump* nesse buraco, com os riscos associados.

Na primeira linha do triângulo de Pascal como escrito por Lacan, encontramos uma versão operacional destes conceitos no contexto de uma análise. Trata-se de uma escrita única a ser singularizada em cada caso, escrita geral que passamos a tratar e que será singularizada em um caso a título de estímulo.

Esse triângulo que, como será desenvolvido, enuncia a matriz de *alíngua*, matriz tanto no sentido de representante simbólico que é nada mais que um arranjo de dupla entrada ( cuja construção e função na contagem combinatória devemos à genialidade de Paschal), como no sentido de matriz do tecido de significantes (esse uso na combinatória lacaniana devemos à genialidade e de Lacan ). Nessa matriz de *alíngua* mais uma contribuição de Lacan que extrai de seu retorno à Freud a formação do inconsciente, no que lhe podemos atribuir estrutura e transmissibilidade.

Quanto a essa primeira linha:

|   |   |   |   |   |   |   |   |   |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 0 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|

Perguntamo-nos: essa escrita, esse arranjo de zeros (0) e Um (1) são representantes de que ? O Um (1) que é marca da primeira e primitiva falta (0) da primeira coluna, é seguido pelo registro de subsequentes faltas. Nesses zeros a representação de cada encontro faltoso, repetição fadada a acontecer na busca do reencontro impossível com o objeto perdido a reencontrar a cada repetição mais uma falta. Da sucessão infinita de faltas da vida cotidiana de qualquer ser humano aqui estamos extraindo as faltas que foram marcadas como geradoras de recalque. Experiências de variadas intensidades cujas marcas como insígnias do sujeito foram rejeitadas. Dessa rejeição decorre a separação, a ruptura do óvulo, signo do sujeito, ruptura essa entre o sujeito e seu representante, que passa seu representante ao estatuto de significante, descompondo a insígnia e deixando o lugar desse sujeito vazio. É um

lugar vazio que o sujeito é convocado a ocupar e repetir a experiência como efeito da produção de gozo, na *alíngua* que a rearticulação entre significantes, agenciada por um significante do estatuto de mestre, não cessa de discursar. O Um encarnado na *alíngua* que Lacan chama o significante Um tem sempre parte em cada significante do enxame que no lugar de agente do discurso estabelece a relação de representação do sujeito. Não temos o genitivo partitivo do francês ( Il y a de l'Un), mas em seu uso corrente, talvez se possa dizer que cada significante do enxame responde positivamente à questão: tem aí Um? Como perguntamos: tem açúcar? Tem café? Tem marca do traço unário aí neste significante? Algum fonema? Uma palavra? Uma frase? Todo um pensamento? O enxame de significantes-mestre traz como resultado da ordem significante determinada pelo O Significante Mestre, no seu gênero a marca do recalque e, na sua pertença à espécie de significante mestre a potencialidade de exercer a função de agente no discurso do mestre. Ou produção no discurso analítico para que se escreva o que não cessa de não se escrever.

Alinhavo aqui dizeres de Lacan<sup>26</sup>, quando nos coloca que no discurso analítico é a interpelação do sujeito barrado, pelo *a* que se sustenta pelo saber no que ele está no lugar da verdade, para produção do significante mestre que resolve a relação do sujeito barrado com a verdade. Daí a presunção de que se possa constituir um saber sobre a verdade. E escreve mais adiante, quanto ao enxame de significantes-mestre:

$$S_1(S_1(S_1(S_1 \rightarrow S_2)))$$

Sobre este matema Lacan deriva interrogações sobre o Há Um e o Um-entre-outros, e adoto as respostas que encontrei em Regnault<sup>27</sup> ao explicitar entre dois tipos de leitura da escrita do enxame de  $S_1$ , uma leitura analítica:

[...] A fórmula  $S_1(S_1(S_1(S_1 \rightarrow S_2)))$  supõe pois dois sentidos de leitura:

- positivista, ou da direita para a esquerda:  $S_1$  só é definido em sua relação com *outro* Significante, postulado primeiro( $S_2$ ). E de próximo a próximo lhe sucede o mesmo a todo *único* cada um;
- analítica, ou da esquerda para direita (como está escrito): todo significante está em uma relação com um outro que *como ele* ( por isso o enxame de  $S_1$  ) está em relação com um outro que *como ele* , etcetera.

A segunda leitura triunfa sobre a primeira, quer dizer que a diferença de  $S_1 \rightarrow S_2$  conta menos que o fato de que cada  $S$  seja um entre outros. (Regnault, 1985, p.99, tradução nossa).

Assim nosso entendimento do Há Um e do enxame que nos sugere usar o plural do significante mestre, é que O Significante Mestre, O Um, traço unário, a marca

<sup>26</sup> Lacan, Jacques. (1975). *Mais, ainda, livro20*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

<sup>27</sup> Regnault, F. (1985). *Dios Es Inconsciente*. Ediciones Manancial SRL, 1986, reimpressão 1993, Buenos Aires, Argentina.

da falta, vai ser nomeado pelo significante, nome do Um, este traço unário que sendo Um entre outros dará lugar à cadeias de significantes. Cada significante carrega a marca, a forma, o modo de relação, ditado pelo Um, e é deste modo sobre determinado que cada significante mestre entra em relação com qualquer outro que difira dele na função de representação do sujeito. Como encontramos em Lacan<sup>28</sup>:

[...] O significante Um não é um significante qualquer. Ele é a ordem significante, no que ela se instaura pelo envolvimento pelo qual toda cadeia subsiste. (Lacan, 1972-1973,p.196)

Então na primeira linha do triângulo podemos reconhecer a possibilidade de representantes desta ordem significante inaugural, onde no lugar do nada, o Um marca a instauração de uma ordem de nomeação que, na relação do  $S_1$  com o  $S_2$ , na medida em que trata de representar um sujeito, fica sempre em falta: são os significantes do enxame que ao representar o sujeito em sua relação com outro significante, o faz de maneira faltosa, e sob o ordenamento do Um.

Para operar com este triângulo no que diga respeito à psicanálise, estamos no estado pós- castração, ou seja, o sujeito, a partir de seu traço unário e recalque primário, produz recalques secundários criando seus pontos cegos e , ou, mudos, ao repelir como seus representantes nomeações às quais as fronteiras se fecham pelo sujeito que se nega franqueá-las. Neste processo o sujeito ex-siste conforme a dimensão ausente na representação. Quando se há negado a dimensão de representação da ordem simbólica do inconsciente, ou seja se a falta está apoiada na ex-sistência simbólica, advém o gozo do Outro, entre tantos as construções do inefável, da mística, ou ainda advém a angustia, afeto do indizível. Se a falta apoia-se na ex-sistência da dimensão do imaginário advém o sintoma, ou gozo fálico; ou ainda o sintoma convertido em gozo fálico. O repúdio do imaginário, ou em outras palavras: nada querer saber do gozo do Outro, traduz-se em apropriar-se do real por meio do simbólico e, resulta ora em ciência, ora em metáfora do corpo. Já ao horror do real, na sua ex-sistência fica o terreno do sentido tanto no consenso, o imaginário na sua cobertura pelo simbólico, quanto na ausência de senso, nas construções necessárias para garantia da falta da dimensão do real do gozo que assim fica excluído.

São esses zeros então, representantes de uma sucessão de faltas, de inerência ora real, ora simbólica, ora imaginária, correspondendo à ex-sistência do sujeito nos seus diferentes modo de gozo, e à *insistência do não para de se não se escrever*. E para essa escrita o necessário é a letra, a parte rompida do óvulo do signo, o signo com potencial de produção de gozo, esse que como insígnia do sujeito faz conexão entre o gozo e o significante-mestre, essa letra que marca a falta. Trata-se nesses zeros da repetição dos encontros faltosos que é cifrada. Essas cifras serão representadas pelos uns (1) da segunda linha.

---

<sup>28</sup> Idem 26.

A contagem dos signos do sujeito, que o Outro respondeu quando requerido, (che vuoi?), foram sendo registrados em termos de pulsão, no registro da repetição da falta ao molde do traço unário. Desta contagem na análise restringe-se o interesse, para efeito de ser representado no triângulo, aos signos que por recalque foram decompostos, e o significante correspondente ao numerador de cada signo do sujeito barrado elevado ao estatuto de significante mestre.

Na segunda linha do triângulo como representante desta operação de cifragem: cada um (1) é mais um a fazer-se letra enigmática das insígnias rejeitadas pelo sujeito. Assim a cada encontro faltoso o sujeito ao dar-se pela falta marca: mais um? E cada mais um é único e singular deste sujeito que guarda um lugar vazio para comparecer como efeito da articulação destas letras feitas *alíngua*, no inconsciente estruturado como linguagem.

Primeiro vem a letra que antecede o significante por não ser considerada pelos seus efeitos de sentido. O inconsciente estruturado como uma linguagem pressupõe, para sua escritura, o conjunto de suas letras, de suas palavras. Considerando o inconsciente a partir dos significantes-mestre, a base do conceito de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem, não permite ainda dizer que o inconsciente é o discurso do Outro, esse discurso que se opera de forma transformadora pela análise. Na inscrição das letras, do enxame de significantes- mestre, o inconsciente repete o Um e conta e cifra as repetições e, não se articula ainda como linguagem do inconsciente.

Na segunda linha, escrita abaixo, a cada zero, lugar de cada vazio, de cada falta, corresponde, na linha abaixo, a inscrição de letras, palavras, aqui representadas pelos uns. Estamos em um primeiro nível da ordem simbólica do inconsciente. Trata-se de justaposição de significantes-mestre, letras que são partícipes de signos do sujeito com potencial de produção de gozo, elementos de suas insígnias ( $S_1, a$ ). Os uns (1's) dessa linha são os significantes que não mudam, que têm uma inércia, a lei de talião do significante (retaliação do significante, vingança do recalcado?), o *tyche*, encontram-se, contam-se no nível da lei de circulação e não propriamente da circulação significante. Fazem a escritura do inconsciente, correlata do superego freudiano. O Outro na posição de mediador na relação do desdobramento do sujeito tanto com relação a si mesmo (S) como ao semelhante (a).

|   |   |   |   |   |   |   |   |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 0 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 |
|---|---|---|---|---|---|---|---|

Estamos na segunda linha no primeiro nível de estruturação da ordem simbólica. O zero da primeira casela registra a ausência da letra como representante do traço unário (O UM), O Significante Mestre. Ao lado deste, o (1) da segunda casela, já é da espécie Há Um, é a primeira nomeação do Um, por Um-entre-outros, o recalque originário, marca inerente do inconsciente. A partir daí, os uns que se seguem, são uns-entre-outros, significantes que chegam ao estatuto de mestre, são as marca das faltas pelas letras na função de representantes do sujeito e elementos então do tesouro dos significantes. A cada zero (0) da primeira linha a partir do recalque originário,

corresponde um (1). No desenvolvimento da atuação do significante como separada de sua significação, Lacan extrai o traço de caráter literal, o caractere, a letra como significante desprendido de todo valor de significação, elemento do conjunto de significantes, ou seja, pertença por pura diferença. Esses uns, impressos intempestiva e desarmonicamente, não têm o alcance de signos biológicos ou da proporção sexual. São as letras a partir das quais haverá uma escritura em alienação, de um significado. Esse último, o significado, apartado da escritura que lavra o inconsciente, significado barrado. É na análise que a decifração desses uns darão o nome a cada um (1), reconstituindo os signos rompidos do sujeito, e no seu franqueamento ensejando sua destituição. Desse material das demais palavras surgirá *alíngua*, nível superior da ordem simbólica, articulação significante. Elementos do conjunto estrutural impressos de forma independente do sujeito que fala. Entendemos aí nesta sequência de uns, o tesouro dos significantes, ou seja, os significantes- mestre, registro de um encontro com as respostas do Outro, que em sequência ao recalque primário, cifram os recalques secundários. Ao : outra vez uma falta (0)? Mais uma marca, mais uma cifra (1).

Passemos então à terceira linha, a escrita dessa terceira linha, a contagem de zero a seis, como uma temporalidade do registro das letras (zero porque ao traço unário não corresponde nenhuma letra; seu representante na ordem simbólica do inconsciente está para sempre excluído), e a contagem na sequência a partir do primeiro (1) que é contado, que corresponde ao primeiro recalque secundário ( a partir desse recalque secundário, a ele e aos demais correspondem representantes na ordem simbólica). Nessa contagem então, a cada falta que surge, cifra-se mais uma letra para compor os elementos que se estruturarão como *alíngua*. Até aqui o inconsciente não é o discurso do Outro. O inconsciente repete o Um (1), e nada mais que o Um (1), no que cada um-entre-outros tem do Há Um, que por sua vez tem do UM, nessa repetição o inconsciente conta e cifra, a partir do O Significante Mestre, ou representante do recalque primário, ou ainda, o significante da falta no Outro; a abelha rainha desse enxame. A implicação do inconsciente começa aí. O gozar do  $S_1$  é um gozar da carne, exige o corpo vivo. O lugar do gozo é guardado pela cifragem, cuja decifração é uma cifração, aí onde não há contrário e apenas repetição no enxame dos significantes-mestre. Estamos então no campo da linguagem pela escritura, que considerada a partir da letra como pareada ao gozo não mantém relação com o Outro, é o gozo autista. As cifras do lado da letra contando os significantes, mas ainda não considerando seus efeitos de sentido.

|  |  |   |   |   |   |   |   |   |
|--|--|---|---|---|---|---|---|---|
|  |  | 0 | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
|--|--|---|---|---|---|---|---|---|

Esta linha acima representa os significantes que podem combinar-se no inconsciente estruturado como linguagem, tesouro de significantes, cada um com valor próprio e a ser descoberto, valor até aqui barrado pela falta de sua articulação com a letra. Aqui já podemos explorar a possibilidade da entrada no campo da linguagem desde o ponto de vista do sentido, em oposição ao do gozo. Aqui a relação com o Outro, como sentido do Outro, do desejo do Outro, do Outro do sentido do desejo. Nesta contagem que foi até seis, representa-se qualquer caso que o número produzido de

significantes-mestre tenha sido seis: seis recalques secundários franqueados na análise. Cada numeral aí, tem seu papel como ocorrência ordinal, por exemplo, o sexto a ocorrer representado pelo numeral (6), ou ocorrência cardinal, (6) como a contagem de 1 a 6, representante do conjunto que formam os seis significantes.

Mas como pode ser esperada essa combinação pela linguagem, cujos elementos vêm desse lugar do Outro ao qual o sujeito é submetido desde antes de nascer?

Esse recurso de Lacan ao triângulo de Pascal, representante do material de *alíngua*, possibilita avançar na extensão do que seja a repetição no geral, sendo aplicável a cada caso singular. O triângulo, abaixo sombreado, que dá uma regra de contagem das possibilidades, dos subconjuntos de palavras distintas que se podem articular na linguagem do inconsciente. Em suma, as perguntas: de quantas maneiras podem se combinar os significantes, independentemente da ordem com que se apresentam? O que define essas maneiras na linguagem do inconsciente? Qual função opera para a entrada de um número de significantes no jogo? A linguagem do inconsciente pressupõe atualização e produto do passado, como sistema estabelecido ao mesmo tempo em que evolui. Assim é que a interpretação analítica tem um potencial transformador da linguagem do inconsciente. Aqui o discurso do Outro pode ser transformado pela análise, o sujeito do inconsciente ocupa seu lugar ainda que de forma evanescente, e, as letras passam a ter valor significativo, letras como significantes no estado de apartados dos significados vão compondo palavras, combinações de significantes com efeito de significado, presença no lugar antes vazio do sujeito, concluindo na decifração do desejo do Outro. Letras que nas suas aparições se representam por objetos extraídos de um imaginário que lhe é heterogêneo, elementos pulsionais a produzir as perturbações, manifestações do inconsciente, como sonhos de natureza combinatória antropomórfica. Um sonho com cachorro, dimensão significativa emprestada do imaginário singular do analisante, onde cachorro tem uma função de representante cifrado da letra (função enigmática, única e singular a cada analisante), que será (ou não) decifrada para revelar sua correspondência na enfiada do colar das identificações. Essa identificação que como signo do sujeito foi rejeitada, e ficou latente no estado de sou onde não penso, ao passar pelo seu franqueamento para o estado de penso onde não sou, com a possibilidade de destituição subjetiva deste signo sobre determinante, alienante e repudiado.

A parte sombreada cinza do triângulo de Pascal, abaixo, descreve a regra de contagem das possibilidades combinatórias da cadeia significativa, ferramenta útil para a lógica significativa que opera pela combinatória significativa. Note-se que a combinação de significativa é significativa. Ou seja, a cadeia significativa contém certo número de palavras, de letras, correspondendo a um subconjunto do conjunto de significantes advindos em cada momento, em cada atendimento, em cada sonho...

A título de exemplo de leitura do triângulo, considere o caso de um analisante que tenha passado por uma análise na qual tenha sido possível isolar a produção de seis (6) significantes mestre.

| Coluna por linha | Coluna 1 | Coluna 2 | Coluna 3 | Coluna 4 | Coluna 5 | Coluna 6 | Coluna 7 | Coluna 8 | Coluna 9 |
|------------------|----------|----------|----------|----------|----------|----------|----------|----------|----------|
| Linha1           | 0        | 1        | 0        | 0        | 0        | 0        | 0        | 0        | 0        |
| Linha2           |          | 0        | 1        | 1        | 1        | 1        | 1        | 1        | 1        |
| Linha3           |          |          | 0        | 1        | 2        | 3        | 4        | 5        | 6        |
| Linha4           |          |          |          | 0        | 1        | 3        | 6        | 10       | 15       |
| Linha5           |          |          |          |          | 0        | 1        | 4        | 10       | 20       |
| Linha6           |          |          |          |          |          | 0        | 1        | 5        | 15       |
| Linha7           |          |          |          |          |          |          | 0        | 1        | 6        |
| Linha8           |          |          |          |          |          |          |          | 0        | 1        |
| Linha9           |          |          |          |          |          |          |          |          | 0        |

No triângulo as colunas de coluna1 a coluna 3, representam os tempos inaugurais do inconsciente freudiano. Para qualquer analisante não há a menor possibilidade de singularizar via nomeação os representantes dessa zona do triângulo. É a ordem simbólica do inconsciente, nos tempos inaugurais, escrita de forma concatenada à matriz de *alíngua*. No início era o nada, representado pelo (0) (zero da coluna 1 encontro com linha 1), cuja marca o 1 (encontro da linha 1 e coluna 2) é o representante do traço unário. Esse (1) é O UM, fora do qual não há nada. Não é o um (1) pelo qual cada significante difere de cada outro, pelo qual cada um é um. A singularidade óbvia deste traço, que não se escreve em *alíngua*, e muito menos se fala, o que não é impedimento para a escrita geral que nos permite derivar a matriz do Isso. E, por essa razão, o encontro da linha2 com a coluna2 temos o (0) representando o conjunto vazio da nomeação singular do traço unário, marca sem letra que não cessa de não se escrever.

Na terceira coluna temos no encontro da coluna3 com linha1, o zero, a marca da falta, neste caso falta que também corresponde a perda, na conclusão do complexo de castração, ou seja, correspondente ao recalque originário. Na mesma coluna3 com linha 2 o (1) que corresponde ao O Significante Mestre, o significante da falta no Outro, esse que dá lugar ao paradoxo já que:

- Qualquer letra, fonema, palavra, frase ou pensamento que tenha estatuto de agente no discurso inconsciente pertence ao conjunto dos significantes mestre.
- E o representante do recalque originário com estatuto privilegiado de O Significante Mestre, não pertence ao conjunto dos significantes mestre que possam ser produzidos em análise, sendo ele, e repetimos a citação de Lacan:

[...] O significante Um não é um significante qualquer. Ele é a ordem significante, no que ela se instaura pelo envolvimento pelo qual toda cadeia subsiste. (Lacan, 1972-1973, p.196)

Assim, a coluna3 no encontro com a linha3 registra no (0) a impossibilidade de escrever este que é O Significante Mestre, (0) representando o conjunto sempre vazio na combinatoria de *alíngua* desse significante que faz a ordem significante a partir de ser o significante menos um. Esse o único significante que faz signo fechado com o significado, não desliza na cadeia significante, seu significado é o que falta ao sujeito para que não se reduza a puro significado de gozo. Esse (0) repete-se ao final de todas

as colunas, registrando como possibilidade da combinatória o vazio, ou seja, não há possibilidade de produção de um significante mestre se for deste de que se trata.

Da coluna4 em diante, o inconsciente conta, e cifra, temos uma sequência de seis faltas que correspondem a nomeações, sempre faltosas, por uns-entre-outros significantes-mestre, da falta de significante no Outro. Cada falta nomeada tem a nomeação cifrada como (1), esse uns são um-entre-outros. É a partir da coluna quatro que o inconsciente começa a contar, a cada tentativa de nomear o recalque originário, a cada tentativa de tamponar a falta de significante no Outro, o inconsciente conta mais-um, acumula, e neste caso conta os lugares reservados à ocupação pelo desvelamento dos recalques secundários.

Na coluna4 uma primeira nomeação, o primeiro recalque secundário, vizinho mais próximo do primário, então a combinatória lacaniana nos diz que não há possibilidade de discurso do inconsciente, de discurso do mestre, pois há somente um signo do sujeito barrado, ausente e mudo, um conjunto de um só elemento e portanto não há a pura diferença para representar o sujeito na dialetização significativa.

Na coluna5, uma segunda nomeação, então a combinatória significativa já é possível:

| Coluna por linha | Coluna 5 |
|------------------|----------|
| Linha1           | 0        |
| Linha2           | 1        |
| Linha3           | 2        |
| Linha4           | 1        |
| Linha5           | 0        |

O que essa coluna nos conta é que o inconsciente contou até dois, e há, portanto, possibilidade na análise da movimentação do discurso do mestre e produção de até dois significantes-mestre a representar o sujeito para outro significante. Aqui a diferença entre os dois significantes-mestre conta menos que o fato de que cada um seja um-entre-outros, entre aqueles em que há do Um. Leia-se na coluna5 o que pode acontecer numa sessão de análise na fala do analisando, ou pela via da interpretação: dois conjuntos (coluna5 com linha 3) com um significante mestre cada um, ou um conjunto com os dois significante-mestre (coluna 5 com linha 4), ou nenhum deles,(coluna5 com linha 5), ou seja: o conjunto vazio, correspondendo à ausência de produção de significante mestre no discurso do analista.

Passando para a leitura da última coluna que corresponde à combinatória com seis significantes mestre, podemos ler:

| Coluna por linha | Coluna9 |
|------------------|---------|
| Linha1           | 0       |
| Linha2           | 1       |
| Linha3           | 6       |
| Linha4           | 15      |
| Linha5           | 20      |



|        |    |
|--------|----|
| Linha6 | 15 |
| Linha7 | 6  |
| Linha8 | 1  |
| Linha9 | 0  |

Se o inconsciente cifrou 6 significantes-mestre, então a combinatória, ou seja, as possibilidades de ocorrências na produção de significantes-mestre cresce exponencialmente. Na linha2 dessa coluna9 temos um conjunto de significantes com os seis; na linha3 seis conjuntos distintos de significantes com um significante cada; linha4 15 conjuntos de significantes com dois significantes cada; linha5 temos 20 conjuntos de significantes com 3 significantes cada; linha 6 temos 15 conjuntos de significantes com 4 significantes cada, linha 7 seis conjuntos com 5 significantes; na linha 8 um conjunto com seis; e na linha9 o conjunto vazio, nenhum significante mestre é produzido.

Note-se então que passamos da coluna 5 para a coluna 9, ou seja de dois significantes –mestre com possibilidade combinatória de 4 ocorrências, ou seja quatro manifestações distintas de *alíngua* , para 64 possíveis conjuntos de significantes-mestre, portanto 64 escritas distintas.

A genialidade de Pascal nesse triângulo é o arranjo na contagem das possibilidades combinatórias. Associamos contar com seguir a enumeração dada pelos inteiros positivos e temos essa contagem na terceira linha do triângulo, que enumera os recalques secundários na ocorrência temporal. A partir dessa enumeração, o que temos em cada coluna é a contagem das possibilidades de formar conjuntos, com cada cardinalidade (número de elementos) possível, correspondendo a cada enumeração. Assim se foram enumerados seis significantes-mestre, então temos 20 possibilidades de usar numa manifestação do inconsciente combinação de três significantes-mestre. Essas possibilidades distintas de combinações são o suporte da repetição.

**No que segue construímos o triângulo passo a passo, e exemplificamos por meio de um caso cujo pleito é ser paradigmático.**

No primeiro tempo da constituição do Isso, ao zero da in-ex-sitencia ( coluna1 encontro com linha1) a marca pelo Um do traço unário ( coluna2 com linha1), um único significante foracluído, instaurador da ordem simbólica do significante, inominável, e portanto não registrado no conjunto das letras, que não entra na conta cifrada do inconsciente. O Um do traço unário, signo atado a seu significado, o menos-um do conjunto de significantes- mestre, como elemento neutro na contagem do inconsciente, lhe corresponde( na coluna2 por linha2) esse zero representante desse vazio que permanece pelo impossível de encontrar sua nomeação, suporte de uma opacidade indecifrável. Esse primeiro tempo singular a cada ser humano está aí representado como elemento gerador da *alíngua*.

| Coluna por linha | Coluna 1 | Coluna 2 |
|------------------|----------|----------|
| Linha 1          | 0        | 1        |
| Linha 2          |          | 0        |

No segundo tempo da constituição do Isso (coluna3) temos a perda que caracteriza a falta representada pelo zero ( coluna3 com linha1), obediente ao Um do

traço unário, na castração, o recalque primário, esse 1( coluna3com linha2), esse um no qual Há Um, esse Um-entre-outros a devir, marca esta perda irreparável no formato significante da falta de significante no Outro, falta de nomeação representada pelo zero( coluna3com linha3). Essa a representação geral da constituição inaugural do Isso.

| Coluna por linha | Coluna1 | Coluna2 | Coluna3 |
|------------------|---------|---------|---------|
| Linha1           | 0       | 1       | 0       |
| Linha2           |         | 0       | 1       |
| Linha3           |         |         | 0       |

A partir do acontecimento que o sujeito tem inconsciente sob a forma única e singular de seu traço unário e de seu recalque originário, o inconsciente inicia a cifragem dos recalques secundários. No terceiro tempo, quarta coluna, temos disponível uma única possibilidade de nomeação. A falta representada pelo zero ( coluna4 com linha1) é uma falta cifrada por letra, pelo 1( coluna 4com linha2), e é a partir dela que o inconsciente passa a contar 1( a primeira cifragem de um recalque; coluna4com linha3). Nesse terceiro tempo ainda a única possibilidade de representação do sujeito entre dois significantes é muito arcaica. Temos apenas disponível para a combinatória lacaniana um conjunto com a primeira nomeação do recalque secundário, representando esta possibilidade o 1 ( coluna4 com linha3), ou o conjunto vazio, o zero( coluna4 com linha 4). Não há gramática possível nesta *alingua* de elemento unitário.

| Linha por coluna | Coluna1 | Coluna2 | Coluna3 | Coluna4 |
|------------------|---------|---------|---------|---------|
| Linha1           | 0       | 1       | 0       | 0       |
| Linha2           |         | 0       | 1       | 1       |
| Linha3           |         |         | 0       | 1       |
| Linha4           |         |         |         | 0       |

Os encontros faltosos, as demandas insatisfeitas, os desejos irrealizáveis, dirão agora respeito a objetos que são passíveis de nomeação. Os zeros da linha1 a partir da coluna4 representam faltas cifráveis. E sua cifra, a letra conta essa falta nos acontecimentos da privação, frustração, e castração, marcando no Isso os acontecimentos na alienação onde sou e não penso, vide Fig.9. No conjunto dessas marcas , desse processo secundário, a cifragem, a constituir o traço literal, no litoral da invasão da maré do sou onde não penso, no penso logo sou, a cobrar resgate pelo penso onde não sou.

Já no quarto tempo, dispondo de duas nomeações, acumulando dois encontros faltosos, tem início a possibilidade da gramática em *alíngua*. Assim na coluna cinco sombreada, temos no Isso, as seguintes possibilidades de manifestação. Dispomos de duas nomeações que podem se combinar de quatro maneiras: ou teremos dois conjuntos cada um com uma delas ( coluna5 com linha1), ou um conjunto com as duas ( coluna5 com linha2), ou um conjunto vazio, ou seja nenhum significante-mestre. Então já temos elementos para ordem simbólica? Para linguagem? São quatro as possibilidades de fazer

subconjuntos das palavras que sejam distintos. Note que os conjuntos se contam sem que importe a ordem no seu arranjo de linguagem.

| Coluna por linha | Coluna1 | Coluna 2 | Coluna3 | Coluna4 | Coluna5 |
|------------------|---------|----------|---------|---------|---------|
| Linha1           | 0       | 1        | 0       | 0       | 0       |
| Linha2           |         | 0        | 1       | 1       | 1       |
| Linha3           |         |          | 0       | 1       | 2       |
| Linha4           |         |          |         | 0       | 1       |
| Linha5           |         |          |         |         | 0       |

Por exemplo, nas repetições a que o Outro expôs a criança, como resposta da sua demanda “*Che vuoi?*”, o desejo do Outro, pode ter tamponado essa falta, com inscrições que passaram a figurar como significantes-mestre, secundários à inscrição do traço unário. Àquele não teremos acesso, esses últimos sim podem advir pela associação livre e pela escuta como significantes. Na análise o foco é nos significantes impressos por alienação no colar das identificações como peça faltante, fruto de recalque secundário.

**A partir deste tempo a singularidade de cada caso é nomeável e em função disto passamos a tratar um extrato de caso** para exemplificar o uso desta matriz numa reconstituição de parte de uma análise.

**A partir deste tempo a singularidade de cada caso é nomeável e em função disto passamos a tratar um extrato de caso** para exemplificar o uso desta matriz numa reconstituição de parte de uma análise.

**A fonte dos significantes:** uma mulher, já analisada entra em contato para demandar uma nova análise. Apesar de não ter vontade de fazer uma análise novamente, impõe a si mesma esse recurso, pois já funcionou uma vez. Tem muito trabalho, está muito atarefada, mas tem dificuldades que lhe causam estranheza. Tem orgulho de seu desempenho na carreira acadêmica, mas quando sua posição exige avaliações de qualquer tipo, provas, exames, conferências, a analisante sente-se à beira do fracasso, ainda que isso não lhe tenha acontecido. Está exausta e tem pesadelos recorrentes. Qualquer situação da vida cotidiana que envolva avaliação lhe deixa paralisada e exige muito esforço realizar a ação requerida, seja exame de sangue, de vista, de renovação da carteira de motorista, ou uma apresentação de trabalho em congresso. Tem nas mais variadas ocasiões de avaliações, taquicardias, suores, vômitos, dor de cabeça e outros mal estares. Aí harmonizo os dizeres de Lacan o gozar do Um do inconsciente com o fato de ser necessário um corpo vivo para gozar já que só há um gozar da carne, e que este UM, e o Há UM dessa analisante sobre determinam uns-entre-outros enigmáticos e causadores desta sintomática toda.

O conjunto de significantes extraídos pela associação livre, ou seja, da fala da analisante quando histerizada, é um conjunto de significantes produzido pela analisante ao se colocar como sujeito dividido no lugar antes ocupado pelo significante mestre e autorizar-se à desobediência; é a fala do não sei, não consigo, não entendo, pois e uma

enfiada de Eu sou exhibe o sem sentido do sintoma. É a fala do sujeito vazio de seu desejo. Nessa fala, toda palavra falsa com respeito à realidade que vive é produzida para anular essa mesma realidade. Sua verdade com respeito a este nada ao qual se ameaça ver-se reduzida é um engodo que detém sua qualidade. O sintoma lhe causa estranheza. De onde vem essa vontade de desistir de tudo, se pensa ser capaz e gosta do que faz? De sua fala se escuta que o saber de si é reduzido ao conjunto dos significantes, dos quais escolhemos extrair para o conjunto dos S<sub>2</sub>'s, produzidos na fala em análise:

{pontual, antecipada, inteligente, normal, desprendida, dadivosa, contente}

Para que esse extrato de caso nos preste para singularizar o uso da matriz de *alíngua* para essa analisante, partamos da hipótese que ela tenha recalcados pelo menos seis significantes-mestre, esses que sobre determinam seus sintomas, e que tenham lugar no inconsciente marcado por letras. Na associação livre da analisanda é diante desses recalques, diante desses agentes do discurso do mestre, que ela se vê dividida. Diante desses enigmáticos a produção dos S<sub>2</sub>'s sugere que os significantes-mestre a serem produzidos, pelo giro ao discurso do analista, guardaram uma antinomia com relação aos produzidos no discurso da histérica.

Escrevendo então a matriz hipotética do caso:

| Coluna por linha                     | Coluna 1 | Coluna 2     | Coluna 3           | Coluna 4          | Coluna 5          | Coluna 6          | Coluna 7          | Coluna 8          | Coluna 9          |
|--------------------------------------|----------|--------------|--------------------|-------------------|-------------------|-------------------|-------------------|-------------------|-------------------|
| Linha1                               | 0        | Traço unário | 0                  | 0                 | 0                 | 0                 | 0                 | 0                 | 0                 |
| Linha2                               |          | 0            | Recalque primário  | R                 | A                 | P                 | B                 | C                 | M                 |
| Linha3                               |          |              | 0                  | 1                 | 2                 | 3                 | 4                 | 5                 | 6                 |
| Linha4                               |          |              |                    | 0                 | 1                 | 3                 | 6                 | 10                | 15                |
| Linha5                               |          |              |                    |                   | 0                 | 1                 | 4                 | 10                | 20                |
| Linha6                               |          |              |                    |                   |                   | 0                 | 1                 | 5                 | 15                |
| Linha7                               |          |              |                    |                   |                   |                   | 0                 | 1                 | 6                 |
| Linha8                               |          |              |                    |                   |                   |                   |                   | 0                 | 1                 |
| Linha9                               |          |              |                    |                   |                   |                   |                   |                   | 0                 |
| Totais de combinações excluído o 0=∅ | nada     | impossível   | Ordem significante | 2 <sup>1</sup> -1 | 2 <sup>2</sup> -1 | 2 <sup>3</sup> -1 | 2 <sup>4</sup> -1 | 2 <sup>5</sup> -1 | 2 <sup>6</sup> -1 |

Na segunda linha escrevemos as letras, marcas de recalques secundários, que guardam lugar cifrado para os enigmas a serem decifrados pela análise. Essas letras seguem a ordem simbólica instituída pelo traço unário e são municadas, investidas pelo Há Um do recalque primário. Comparecem por pura diferença; ou seja, que R tem sua definição como significante no seguinte fato:

$$R \neq A, R \neq P, R \neq B, R \neq C, R \neq M$$

E analogamente, A, tem sua definição como significante no seguinte fato:

$$A \neq R, A \neq P, A \neq B, A \neq C, A \neq M$$

E, P, tem sua definição como significante no seguinte fato:

$$P \neq R, P \neq A, P \neq B, P \neq C, P \neq M$$

E, B, tem sua definição como significante no seguinte fato:

$$B \neq R, B \neq A, B \neq P, B \neq C, B \neq M$$

Ainda que C, tenha sua definição como significante no seguinte fato:

$$C \neq R, C \neq A, C \neq P, C \neq B, C \neq M$$

Finalmente M, tem sua definição como significante no seguinte fato:

$$M \neq R, M \neq A, M \neq P, M \neq B, M \neq C$$

Note que tivemos que considerar os seis como um todo para definir cada um por diferença. Esse conjunto de seis define um conjunto pelo fato de não conter o significante da falta no Outro, ou o significante do recalque primário:

$$S(\overline{A})$$

Em cada coluna está feita a contagem dos possíveis conjuntos de letras com os quais *alíngua* escreve sua gramática, essas possibilidades de manifestação do inconsciente, como veremos no exemplo, ilustram como somos levados à exaustão no que diz respeito à repetição.

A última linha da tabela mostra como cresce exponencialmente a riqueza de *alíngua* pelo acréscimo de mais um-entre-outros como joia do tesouro de significantes.

A partir do trabalho de análise, principalmente pela interpretação dos sonhos, e lembranças associadas, o seguinte conjunto de significantes-mestre pode ser contado e decifrado, esses significantes que eram cifra, do lado da letra, passaram no seu deciframento para o lado dos significantes com efeito de sentido. Foi assim que o discurso do Outro pôde transformar-se pela análise. Enquanto o inconsciente repete o Um e conta e cifra, a analisanda fica à mercê, como sujeito do gozo e do sofrimento implicado em seu sintoma. Na sequência sua história demonstrará como sua ficção se deu em função da fundação obscura do conjunto do sistema de seus significantes-mestre, e a criação de outros significantes com valor antinômico. A decifração das letras no giro para o discurso do analista, permitiu produzir os seguintes significantes-mestre; o conjunto dos  $S_1$ 's:

$$\{R=\text{retardada}, A=\text{atrasada}, P=\text{perdida}, C=\text{coitada}, B=\text{burra}, M=\text{medrosa}\}$$

Dispondo esse caso no triângulo teríamos a seguinte representação.

| Coluna por linha | Coluna 1 | Coluna 2     | Coluna 3 | Coluna 4 | Coluna 5 | Coluna 6 | Coluna 7 | Coluna 8 | Coluna 9 |
|------------------|----------|--------------|----------|----------|----------|----------|----------|----------|----------|
| Linha 1          | 0        | Traço unário | 0        | 0        | 0        | 0        | 0        | 0        | 0        |

|        |   |                   |           |          |         |       |         |         |
|--------|---|-------------------|-----------|----------|---------|-------|---------|---------|
| Linha2 | 0 | Recalque primário | retardada | atrasada | perdida | burra | Coitada | Medrosa |
| Linha3 |   | 0                 | 1         | 2        | 3       | 4     | 5       | 6       |
| Linha4 |   |                   | 0         | 1        | 3       | 6     | 10      | 15      |
| Linha5 |   |                   |           | 0        | 1       | 4     | 10      | 20      |
| Linha6 |   |                   |           |          | 0       | 1     | 5       | 15      |
| Linha7 |   |                   |           |          |         | 0     | 1       | 6       |
| Linha8 |   |                   |           |          |         |       | 0       | 1       |
| Linha9 |   |                   |           |          |         |       |         | 0       |

E no caso tratado a terceira linha que conta o Um, fica nesse caso identificada como:

1=retardada( linha3 por coluna4); 2=atrasada+retardada( linha3 por coluna5); 3=retardada+atrasada+perdida( linha 3 por coluna6); 4= retardada+atrasada+perdida+burra ( linha3, por coluna7);5= retardada+atrasada+perdida+burra+coitada( linha3 por coluna8); 6=retardada+atrasada+perdida+burra+coitada+medrosa( linha3 por coluna9).

### Decompondo na ordem de inscrição significante

Note que na decomposição que passamos a fazer, a ordem, provavelmente, será invertida, no que poderá ser revelado, em análise.

O que o uso do triângulo de Pascal, considerando apenas os dois primeiros significantes-mestre, nos deixa saber sobre o que pode ocorrer em um atendimento. O lugar marcado pela ausência do sujeito como zero pode contar com seu advir. Nesse instante o inconsciente já como linguagem do Outro, pode revelar as seguintes combinações de significantes articulados como uma linguagem. A frase significante pode carregar um dos dois, os dois, ou nenhum deles. A verossimilhança de cada possibilidade pode ser pensada. O retorno desses recalques depende do investimento para mantê-los recalcados, assim os mais arcaicos serão os menos prováveis no início da análise, esperados para a fase de finalização da mesma. São as combinações no inverso da ordem de contagem e cifragem que serão esperadas com maior chance no início da análise.

| Coluna por linha | Coluna 5 | Coluna por linha | Coluna 5 |
|------------------|----------|------------------|----------|
| Linha1           | 0        | Linha1           | 0        |
| Linha2           | Atrasada | Linha2           | 1        |
| Linha3           | 2        | Linha3           | 2        |
| Linha4           | 1        | Linha4           | 1        |
| Linha5           | 0        | Linha5           | 0        |

Nesse tempo do inconsciente, dois recalques secundários: retardada ( do tempo anterior) e atrasada, o mais um-entre-outros; com dois recalques secundários, *alíngua* pode escrever a partir de quatro possibilidades; duas combinações de um deles( linha3

por coluna5); uma combinação dos dois ( linha4 por coluna 5), ou nenhuma ocorrência de significante –mestre, o conjunto vazio ( linha5 por coluna 5).

Notando que o sujeito comparece primeiro como efeito (ou seja: barrado), efeito do gozo que estes significantes no Isso articulam nas possíveis manifestações do inconsciente. Na histerização é diante desses significantes que o sujeito se divide, barrado de seu desejo, para produzir sua invenção e estranheza, necessárias, diante de seu sintoma.

Portanto quatro possibilidades de combinação para articulação significativa a partir de dois. A fala aí no exemplo apresenta-se com uma queixa do tipo não sei o porquê de tanta dificuldade, mas enfrenta com contra imperativos: não pode desistir, não pode voltar atrás, apesar do pavor que lhe causam os exames, as provas, sabe que é capaz, inteligente, etcetera. Exame de conteúdo escolar ou médico, ou até para admissão na academia (física ou intelectual), lhe causam a sintomática já descrita. Isso tudo desde o primário, sempre foi excelente aluna, mas à custa de muito desgaste físico e psíquico. Seu aprendizado está embotado.

Mas avancemos para o tempo de já termos três nomeações, tempo descrito na coluna6 abaixo, aumenta a possibilidade de se fazer combinações, agora oito possibilidades, um conjunto possível com as três palavras, três conjuntos possíveis com duas, três possíveis com uma palavra, e um sem nenhuma delas, o vazio.

| Coluna por linha | Coluna 6 |
|------------------|----------|
| Linha1           | 0        |
| Linha2           | perdida  |
| Linha3           | 3        |
| Linha4           | 3        |
| Linha5           | 1        |
| Linha6           | 0        |

Nessa coluna o inconsciente conta o há Um e conta até 3.

$1=S_1 = \text{retardada}; 1=S'_1 = \text{atrasada}; 1=S'' = \text{perdida}$

As possíveis combinações de significantes são as seguintes: 3= três possíveis conjuntos de um-entre-outros, como conta no triângulo ( linha3 com coluna6); ou seja: {retardada} ou {atrasada} ou {perdida}

Ou três possíveis conjuntos de dois, como contam essas possibilidades no triângulo, ( coluna6 com linha4): {retardada e atrasada} ou {retardada e perdida} ou {atrasada e perdida}

Ou uma única combinação com os três significantes-mestre: {retardada e atrasada e perdida}

Ou nenhum significante-mestre entre estes possíveis: { $\emptyset$ }

Mais um na conta do inconsciente que conta o um-entre-outros e conta até 4.

| Coluna por linha | Coluna 7 |
|------------------|----------|
| Linha1           | 0        |
| Linha2           | Burra    |
| Linha3           | 4        |
| Linha4           | 6        |
| Linha5           | 4        |
| Linha6           | 1        |
| Linha7           | 0        |

1=S<sub>1</sub> = retardada; 1=S'<sub>1</sub> = atrasada; 1=S'' = perdida; 1=S''' = burra

As possíveis combinações de significantes são:

4= quatro possíveis conjuntos de um, como conta no triângulo ( linha3 por coluna7) ou seja: {retardada} ou {atrasada} ou {perdida} ou {burra}

Ou 6 possíveis ( linha4 por coluna7) conjuntos de dois, como contam essas possibilidades no triângulo: {retardada e atrasada} ou {retardada e perdida} ou {atrasada e perdida} ou {retardada e burra} ou {atrasada e burra} ou {perdida e burra}.

Ou quatro combinações ( linha4 por coluna7) com os três significantes-mestre: {retardada e atrasada e perdida} ou {retardada e atrasada e burra} ou {atrasada e perdida e burra} ou {retardada e perdida e burra}

Ou uma combinação ( linha 5 por coluna7) com os quatro significantes-mestre: {retardada e atrasada e perdida e burra}

Ou {∅}; nenhum significante-mestre é produzido no atendimento.

Lacan escreve até que seis significantes-mestre sejam marcados, por isso foram registrados no extrato desse caso seis significantes. Pode haver qualquer número deles, mas quando se chega próximo o suficiente do significante-mestre que contém a maior carga e exige o maior investimento para manter-se recalcado, a análise pode chegar ao fim. E o sujeito abraçar seu *Sinthoma*, livre de sintoma. Quando a contagem chega a quatro, são dezesseis possibilidades de formação de subconjuntos de palavras para articulação significativa, sem levar em consideração a ordem no dizer, como acabamos de explicitar acima, no caso geral e aplicado ao caso usado como exemplo. Note que o número de possibilidades total se obtém por soma da coluna correspondente ao inteiro que conta o número de palavras do repertório, de joias no tesouro dos significantes que podem ou não advir na explicação do sintoma, ou seja: tomam ou não o seu valor. Quando a cifra é cinco, trinta e duas são as possibilidades. E sessenta e quatro



possibilidades de combinações sem levar em conta a ordem se a cifra for de seis significantes-mestre.

Voltando ao caso, consideramos que na entrada em análise, a analisanda tinha seis significantes-mestre, ou seja: seis uns no ciframento de seu inconsciente.

As combinações desses seis podem ser descritas como fizemos até agora. Os exemplos das possíveis combinações, por economia de espaço, restringiremos nesse caso aos conjuntos de três significantes por ser os que ocorrem com mais frequência, assim, vinte possibilidades, (coluna9 por linha5) como escritas abaixo, escrevendo os elementos de cada conjunto de possibilidade com três elementos. Para dar a dimensão ou diz-mansão da repetição! Entre os totais de combinações que dependem do número de letras que entram no jogo, conforme a última linha da tabela acima, ao observá-la pode-se salientar que, a cada mais um que entra na conta do recalque, essas possibilidades aumentam exponencialmente.

Seguem as vinte possíveis combinações de três significantes-mestre, quando *alíngua* dispõe de seis. Esses que serão geradores das manifestações do inconsciente, gramaticalmente escritas por *alíngua* que, cabe na análise, via interpretação, produzir efeito de sentido. Em *alíngua* a opacidade de qualquer escrita se deve a que os significantes que são aqui representados por números, letras, ou palavras, isoladas aqui no estatuto de significantes-mestre tem uma implicação de significado de toda uma enunciação com seus efeitos . Trata-se de situações limites nas quais o sujeito da analisanda fica suspenso em uma relação especular com o Outro, e suas queixas relativas à mal estar no corpo estão dissociadas das palavras. O gozo aí experienciado é da ordem do número, da letra, da escrita!

Há um cansaço e rechaço na leitura dessas combinações que insistimos em escrever para mostrar a exaustão a que a repetição pode levar o analisante e o analista. O analisante com ganas de deixar a análise que gira em falso numa repetição que pode lhe soar ridícula, vergonhosa e insuportável. O analista que sem decifração fica diante das mesmas queixas e demandas, na frustração que a impotência como agente na produção de significantes-mestre leva até ao desânimo. Enfrentemos então essas vinte possibilidades para ler o que parece mais do mesmo, mais um-entre-outros, pela falta do menos-Um, tudo ditado pelo UM, em cada mais um Há do Um:

{Retardada, atrasada, perdida} ou {Retardada, atrasada, coitada} ou {Retardada, atrasada, burra} ou {Retardada, atrasada, medrosa} ou {Retardada, perdida, coitada} ou {Retardada, perdida, burra} ou {Retardada, perdida, medrosa} ou {Retardada, burra, coitada} ou {Retardada, burra, medrosa} ou {Retardada, medrosa, coitada} ou {Coitada, atrasada, perdida} ou {Burra, atrasada, coitada} ou {Medrosa, atrasada, burra} ou {Coitada, atrasada, medrosa} ou {Burra, perdida, coitada} ou {Medrosa, perdida, burra} ou {Coitada, perdida, medrosa} ou {Coitada, burra, medrosa} ou {Perdida, burra, medrosa} ou {Atrasada, medrosa, coitada}.

Consideremos agora acontecimentos do cotidiano, ou situações estruturais na dinâmica familiar, ou no ambiente de trabalho, ou nas interações mais variadas com o outro. Uma situação de exame, teste, avaliação, o sujeito barrado se mantém no nível do cogito, realizando seu desejo, mas a pulsão se satisfaz colocando esse mesmo sujeito barrado diante do gozo sentido como sintoma perante esses significantes-mestre. O retorno desses recalcados é tanto mais causa de inibição, sintoma ou angústia quanto mais uns movimenta, quanto mais uns-entre-outros se articulam na gramática de *alíngua*, ou seja nas manifestações do inconsciente. Nesse caso o sintoma está no nível do sintoma que toma o real do corpo para metaforizar letras que eram enigmáticas, escrita corporal da mudez simbólica. Com a produção dos significantes-mestre que decifram estas letras, um sentido no sem sentido destas identificações imaginárias, passagem de simbolizar este imaginário, negativa estas joias do tesouro dos significantes. Descobre e destitui essas, pela ausência de senso dessas identificações imaginárias, um des-ser para a nova construção pelo Eu não sou, lá Eu onde era sem pensar.

A decifração das seis letras nos revela que *alíngua* que não cessava de se escrever, escreveu-se nestas seis palavras. Essa possibilidade decorreu em sua análise de material abundante de sonhos, que se articularam na associação livre de forma sempre muito intensa e racionalizada. Sua fala a repetir os significantes pontual, antecipada, inteligente, normal, desprendida, dadivosa, contente, em correlação negativa com o sentido de sua sintomática.

A fala forneceu significantes de ideal de ego, em antinomia com os significantes do ego ideal, antinomia extraída da interpretação dos sonhos. A bússola dá a direção de buscar os significantes que recebiam um intenso investimento para que fossem mantidos recalcados. Pelos falsos sinais de seus representantes os  $S_2$ 's, que foram então lidos, como os de uma invenção necessária a ser mantida. Lá onde Isso era, extraímos os significantes-mestre: esses representantes, insígnias de um sujeito vazio, cujo advento se deu a partir desse lugar de sua própria ignorância. O Eu que adveio permitiu o reconhecimento da dissociação causa de seu sintoma, facilitando seu caminho na paixão epistemofílica: seu *sinthoma*. Livrou-se da impossibilidade de uma autenticidade devida às mentiras originais insistentemente contadas pela repetição dos significantes-mestre.

A análise visa produzir a abolição da punição capital que esse arranjo de *alíngua* vem produzindo, há que se cancelar esse contrato de manutenção dessa lei que exige da analisante a repetição da prova do contrário. Assim, esse caso ilustra que não nos podemos deixar suggestionar pela imagem, que nesse caso é de uma acadêmica de sucesso. E tampouco nos deixar anestesiados pelos significantes colhidos no discurso da histórica, no jogo das palavras vazias.

Cabe esclarecer que o começo da análise contemplou o advento dos recalques na ordem inversa de sua inscrição, sendo por retroação a decifragem do enigma do significante-mestre como agente do sintoma.

As seguintes observações são pertinentes:

1. Pelo fato de estes serem os recalques mais arcaicos, eles tendem a ser os últimos a fazer um retorno identificável.
2. As cargas de contra investimento para manter o recalque são crescentes a partir da contagem, assim o mais um que corresponde ao significante-mestre representado no triângulo geral pela enumeração do quarto significante-mestre, por coitada, por exemplo, tem carga menor que o primeiro na marca simbólica, nesse caso exemplificado por retardada.
3. Nesse sentido, a carga de coitada é menor relativamente do que cada uma das anteriores, isoladamente, ou apresenta-se amplificada quando representante das representações acumuladas; diferente quando a carga refere-se ao quarto significante mestre contado, ou aos quatro contados até então.
4. Um atendimento será tanto mais intenso, com efeito de sentido gozado mais forte, quanto maior número de des-identificações ocorrer.
5. Assim, das combinações contadas no triângulo, em cada coluna, à medida que *alíngua* use na sua gramática articulações nas quais compareçam os uns-entre-outros mais arcaicos, das primeiras colunas, no caso atrasada, retardada, o efeito de sentido é mais intenso. O lugar do sujeito passa pelas destituições mais arcaicas.
6. Uma articulação de escrita com a combinação que contenha todos os elementos recalcados disponíveis no tempo que a coluna marca, é a mais rara e a mais perigosa, no sentido da dosagem de des-subjetivação e contato com o saber que não se sabe.
7. Uma manifestação cuja interpretação levasse a decifração, de uma letra, ou simultânea de mais de uma letra, só possível se o analisante estiver seriamente histerizado, o faz experimentar em todos os seus efeitos patológicos seu des-ser, então o analisante ao final da sessão se deve dar tempo para reinvestir em seu ser.

Com o exposto até aqui podemos percorrer os caminhos da associação livre e da atenção flutuante nos seus paradoxos.

Pois bem, o trabalho pode ser descrito melhor do que executado em sua lógica:

- O zero, o significante fundamental da falta, está sempre presente já que a cadeia margeia essa falta, e caso a cadeia seja decifrada com sucesso, ele nada mais é que o retorno à falta, ou seja, ao zero. Encaminhamo-nos do sintoma ao *Sinthoma*.
- O (1) em cada momento da cadeia corresponde aos significantes que a compõe, cada um por ser mais um, antes de articulados. Ou seja, no estado do inconsciente quando sou e não penso. Esses significantes, como insígnias do sujeito, enquanto desarticulados, uma vez advindos no gozo do seu encontro com o real, com o objeto de gozo, carregam o sentido gozado, autista, característico da repetição que a analisanda estranha nas entranhas.
- Em cada atendimento, dependendo da contagem e da cifragem, o trabalho da análise circunscreve-se nos possíveis, no conjunto que se possa obter das

articulações reveladas, na escuta e interpretação, a partir da passagem para penso onde não sou.

- A passagem, do um no topo de cada coluna do triângulo para o um do fim da coluna, corresponde a ter percorrido um caminho na chicana das possibilidades, caminho esse que levou o conjunto dos significantes para o estado do penso onde não sou, decifrando-os de tal forma que o sujeito fazendo-se reconhecer neles tira sua potência na participação do enigma do significante-mestre.
- Como é essa passagem? Segundo Lacan<sup>29</sup>, “em todo estudo rigoroso da abordagem sexual, o passo que a análise nos levou a dar revela-nos o desvio, a barreira, a chicana, o desfilamento da castração”. (LACAN, p.38). Eu me pergunto: Lacan que esquiava não se inspirará ao dizer chicana na figura do *slalom* que compreende três ou quatro portas? Na fala não estaremos diante de manobras capciosas do inconsciente, conhecido trapaceiro, e das tramoias com que passa em zigue-zague através da castração para distanciar o mais um, onde há-do-Um, cada vez mais do Um?
- A cada sessão em que lugar do triângulo se está? Como decifrar para contar menos um até o suficiente?

A cada significante-mestre recalcado (insígnia do sujeito acéfalo) a analisante comparece como efeito de sentido, na experiência de sua divisão frente a cada um deles. Ela os estranhava, denegando-os na condição de não os aplicar a si mesma: ausente deste Isso era ali onde autorizou-se advir. Com que cadeias significantes pode a interpretação dar sentido a cada significante-mestre e o sujeito comparecer, ainda que evanescente, para ser efeito desse sentido? A cada operação dessa destituição subjetiva, por onde o Zero passa do estado de ausência do sujeito para a constituição dessa ausência como fato da possibilidade da presença do sujeito. De seus sonhos, o instante do olhar e revelar o sonho como: “a dúvida”. Um tempo para compreender, pelo cogito da analisanda, lá de onde pensa a verdade constrói um saber. Resulta então simultaneamente a essa construção do Saber, o momento de concluir, correlatos respectivamente de sua edificação subjetiva, pela destituição subjetiva: des-ser, definir-se por não ser. Que saberes foram esses que permitiram os momentos de conclusão? Nos momentos de conclusão, a ordem simbólica está em pleno parto, como nos fala Lacan ao concluir seu seminário de 29 de junho de 1955, partindo da premissa de que “*Enquanto o reconhecimento simbólico não se estabeleceu, por definição, a ordem simbólica é muda*”.<sup>30</sup> (LACAN, 1978, p. 407). A satisfação de ordem libidinal na qual se inscreveram tanto o ego como as pulsões numa tendência para além do limite do prazer, numa rejeição da ordem simbólica, que inclui o âmbito todo do imaginário, explicam os sintomas da analisanda pela ação no mutismo de seus significantes-mestre. Uma descrição sucinta, de como esses significantes foram articulados pela ordem

---

<sup>29</sup> Idem, *ibidem* 21.

<sup>30</sup> LACAN, Jacques. (1978). *O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise, (1954-1955)*. Livro 2, Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

simbólica. Eles falaram, revelaram seu valor no tesouro dos significantes, valor até então ignorado.

Cada palavra tinha toda uma enunciação na história da analisante que passou a ser enunciada, extratos desta recuperação de significados, por cada significante-mestre seguem abaixo:

1. Retardada recupera o horror dos pais diante da possibilidade de que nascesse com Síndrome de Down. As conversas escutadas sobre o alívio de que a menina não era retardada.
2. Atrasada pelo olhar sempre interrogativo de que não era atrasada, ou será que se mostraria assim mais tarde?
3. Perdida: deveu-se a uma experiência traumática da infância.
4. Coitada: comparação constante com a irmã gênio.
5. Burra: fala que se dirigiu a ela, melhor ser feliz e burra do que sofrer e ser inteligente.
6. Medrosa: não saber (o caminho, o significado das palavras, estritamente ligado ao significante perdida).

Como os significantes-mestre para sua manutenção no estado de recalque, foram dialetizados com os significantes constituintes do ideal de ego? Mentiras secundárias para combater as mentiras primárias? Significantes-mestre gerados para falar no lugar do mutismo dos significantes recalcados enquanto hysterizava, ou seja, o saber produzido na discurso da histérica.

1. Pontual: era sempre referido um horror de atrasar-se, uma ansiedade ante qualquer compromisso desproporcional.
2. Antecipada: um imaginário disparado sempre a antecipar todo tipo de ocorrência que pudesse pôr algum obstáculo à consecução de seu objetivo.
3. Inteligente: sempre mencionado na conotação de como e porque sendo inteligente sofria desses sintomas?
4. Normal: não se sentia normal, tudo lhe custava mais do que poderia se confiasse mais em si e nos outros.
5. Desprendida: de qualquer desejo de sucesso profissional, defesa do medo de fracasso.
6. Dádivosa: dedicava-se a todos sem medir esforços, família e amigos.
7. Contente: estava encarregada da alegria da família.
8. Desistente: perguntava-se seguidamente se deveria largar tudo, estudos, família, amigos. Cada esforço na direção de manter seus laços, e um desejo de desenlace, insistência na questão: desistir ou não desistir?

A construção desse triângulo na direção da cura em cada caso pode mostrar-se uma ferramenta útil.

Através desse caso pela particularização de alguns chavões lacanianos, buscamos simplificar o entendimento de alguns conceitos.

Começamos pelos significantes-mestre enquanto puros, letras ou palavras, esses significantes que não são mais que semblantes e contra autoridade dos quais temos de atentar. A operação que permite pensar os significantes-mestre como um conjunto é a diferença, única operação que vale para o significante. A base lógica do significante é não significar nada, e cada um só pode ser definido por sua diferença<sup>31</sup>. Como o conjunto das letras, e palavras. Pertencem a esse conjunto como insígnias do sujeito barrado, oriundas tanto de sua constituição de ego ideal como de ideal de ego, que nas dimensões do real e imaginário, têm sua escrita simbólica a priori da constituição da ordem simbólica (do inconsciente) propriamente dita. No *fiat lux* que institui essa ordem, o traço unário, o Há Um, na incidência da função fálica, e na repetição o Isso passa a ter conteúdos recalcados, na tentativa desesperada de harmonizar para o sujeito que se funda, o efeito de sentido que o determina. Este foi nosso critério ao separar os conjuntos do saber colhido no discurso da analisanda e os significantes-mestre suplementados nas interpretações pelo discurso analítico.

No caso cujo extrato foi reportado podemos metaforizar: os significantes-mestre deixaram de soltar fumaça, pois os exames e avaliações deixaram de pegar fogo!

## V

*Com que lógica operar? Que lugar é este que o analista ocupa?*

Lacan remete o analista ao lugar da falta, da fenda, da abertura que a partir do algoritmo da transferência pode ser localizada. Abertura entre o gerar o inconsciente — interpretação, que se opõe ao inconsciente como saber já instalado, quer dizer à ilusão do sujeito suposto saber, essa que serve de pivô à transferência e é desmentida pelo inconsciente. O inconsciente, quando interpretado derroga o sujeito suposto saber. Abole, anula esta coisa estabelecida como lei que rege a repetição. É aí que Miller<sup>32</sup>, localiza o paradoxo da posição analítica:

[...] esta brecha é o que obriga a pensar a posição do analista como um ato analítico, acentuando seu aspecto de criação. O ato analítico está vinculado ao sujeito suposto saber - mais precisamente a sua falta. Neste aspecto o inconsciente que trabalha na análise, o inconsciente como interpretação do inconsciente, é o que torna possível proteger-se detrás da noção de que *está escrito* e que o Outro o sabe. (MILLER, p. 438, tradução nossa).

Que gramática e que lógica são essas? A gramática do uso que Lacan<sup>33</sup> fez das sequências de Fibonacci<sup>34</sup> para dar uma referência de uma possível estrutura da repetição, e da operação analítica. A decifração no campo do Outro pela inscrição do traço unário. O inconsciente do recalcado, do significante-mestre e todos que o seguiram sendo iguais a ele mesmo (único com essa propriedade, já que o significante

---

<sup>31</sup> MILLER, J.A. (2010). *Extimidad*, 1. ed., 2 reimpressão. Buenos Aires: Paidós, 2011.

<sup>32</sup> Idem, *ibidem* 8.

<sup>33</sup> LACAN, Jacques. *D'um Autre à autre*, Seuil. 2006.

<sup>34</sup> MORAN, Regina Célia de C.P. *Formalização da análise terminada e interminável por Lacan: iterações que podem ou não levar à travessia do fantasma*. **a Carta**, Campinas, Informativo da Associação Campinense de Psicanálise, n. 10, Outubro, 2015.

não é idêntico a si mesmo), evoca o sentido para fazer seu retorno. É o trabalho quando se elege o sentido, aceitando que há o impossível, do não sentido, que o sujeito poderá realizar-se no advir do real, real como efeito no discurso da histérica. Lacaniana II<sup>35</sup>, “**O não sentido não é mais que a face da repulsa que o sentido oferece ao significado. Então, o real do sujeito não está mais em seu ser, senão em sua morte como significação de seu ser mesmo**”. (SAFOUAN, p.148-149, grifo nosso, tradução nossa).

Discurso do analista que no lugar da falta do sujeito suposto saber, agente da verdade do saber recolhido do discurso da histérica, convoca o sujeito a partir de sua divisão para produzir aproximações à enunciação do seu enigma, seu significantemestre, seu traço unário.

A consistência lógica do objeto *a* representa a posição do analista como ato, como criação, o que o obriga a se haver com o peso dessa responsabilidade, a partir de cuja ética caracteriza sua posição, conclui Miller<sup>36</sup>, p.438.

Lacan<sup>37</sup> nos revela, caso nos tenha passado despercebido que: o grande segredo da psicanálise é que não há Outro do Outro. O A barrado o que quer dizer? No A - que não é um ser, mas o lugar da palavra, o lugar onde se funda, sob uma forma evoluta, ou sob uma forma obscura, o conjunto do sistema de significantes, quer dizer, de uma linguagem - alguma coisa falta. Essa coisa que aí faz falta não pode ser outra coisa do que um significante, razão para a notação S.

O significante que faz falta no nível do Outro, tal é a fórmula que dá seu valor mais radical no:

S(~~A~~)

Não há então significante que garanta a continuação concreta de nenhuma manifestação significante. Seja pelo dom, ou pela recusa, o Outro manifestar-se-á para o sujeito por toda sua existência marginando essa falta fundamental que se encontra no nível do significante. Fundamental pois é nesse nível onde o sujeito terá de identificar-se para constituir-se como sujeito e fazer-se reconhecer pelo Outro. O sujeito então ele mesmo encontra-se marcado por essa falta de garantia no nível da verdade do Outro.

Miller<sup>38</sup> quando trata a transferência (esquema nas páginas 410 e 417), situando o analista na esquina do *Eu não penso* e o analisante na esquina do *Eu não sou* traz conclusões valiosas.

---

<sup>35</sup> Idem 20.

<sup>36</sup> Idem, ibidem8.

<sup>37</sup> LACAN, Jacques. *LIVRE VI, Le Désir et Son Interpretation*. Éditions de La Martinière : Le Champ Freudien, 2013.

<sup>38</sup> Idem, ibidem8.

Que outra forma de verbalizar o segredo da psicanálise: não há Outro do Outro? Não há um grande Outro superior por meio do qual anular o Outro, só existe o Outro como tal, não há retroceder da alienação, não há como voltar atrás na alienação!

E quanto à verdade? Não se pode dizer o verdadeiro acerca do verdadeiro, a verdade só se diz sem sua outra metade, só se diz uma vez.

E a transferência? Não há transferência da transferência, não há retroceder da mesma, não há retorno a zero da transferência, esta não é possível ser anulada por meio de uma operação inversa.

## VI

*Qual é a lógica da cura, em se tratando de psicanálise melhor dito da conclusão lógica, do limite do processo?*

No limite desse processo, Miller<sup>39</sup>, nos aponta com a possibilidade de ter desmontada a repetição que abre na via paralela à verdade e quando convergindo para o passe chega à via da sublimação. O passe, o ponto de chegada, da travessia do fantasma, onde a falta em ser e a renúncia absoluta, ou pelo menos decifração suficiente, que resulta num chega e basta interrogar o saber inconsciente sobre o enigma proposto pelo mestre.

Essa decifração na qual o Isso freudiano e o inconsciente, da segunda e primeira tópicos respectivamente são levados a uma combinação nova entre o ser correlato do Isto e o pensamento correlato do inconsciente.

Na análise está completamente aberta a distância entre o que é desejado e o que desejável, esse é o ponto de partida para a instauração e articulação da experiência analítica. Seguindo Lacan<sup>40</sup>, trata-se de interrogar o desejo, aprofundar-se, vê-lo decompor-se, desarticular-se, afastar-se da relação harmônica. Na remontagem regressiva que constitui a experiência analítica nenhum desejo mostra-se senão como um elemento problemático, disperso, polimorfo, contraditório e para dizer tudo, Lacan conclui: bem longe de toda cooptação orientada.

A analisanda, presa como nós nas consequências e riscos da palavra, que decompõe em significantes a pulsão, gerando cada sequência diante da qual o sujeito calibra-se para refletir-se na dimensão do desejo do Outro. O desejo que não tem outro objeto que o significante de seu reconhecimento.

---

<sup>39</sup> Idem, *ibidem* 8.

<sup>40</sup> LACAN, Jacques. *Le Séminaire livre VI, Le Désir Et Son Interpretation*. Éditions de La Martinière et Le Champ Freudien, 2013.



Escutar os dois discursos, o manifesto e o latente, ela é retardada pode estar distante e em uma substituição antinômica por muitos outros significantes. O sintoma de nossa analisante, efeito da carga relativa à satisfação pulsional dos significantes-mestre, retardada e teimosa, não puderam ser falados, tiveram de ser suplementados e seus efeitos de sentido gozado resultaram na cura do sintoma. O sintoma como obstáculo à encarnação do *Sinthome*. Ambos originários do mesmo *Tyche*! Pelo gozo do sentido o *sinthome* permitiu a nossa analisanda continuidade prazerosa, antes torturante, de seus estudos! A isto chamo cura. O sujeito ao saber do saber que o descompensa cessa a operação que o distancia cada vez mais da sua verdade! Verdade questionada por Freud, e, Lacan<sup>41</sup> no seu retorno ao sentido de Freud, nos adverte a verdade que nos afeta pessoalmente, e que pela via da análise, o analisante pode, permitindo-se valorizar o reconhecimento do inconsciente [...] *mais do que as defesas que a ele se opõem no sujeito*, experimentar uma paz que responde ao questionamento de Lacan<sup>42</sup>

[...] de onde provém essa paz que se estabelece ao se reconhecer a tendência do inconsciente, se ela não é mais verdadeira que o que a cerceava no conflito?

---

<sup>41</sup> Idem, ibidem 13, p. 406.

<sup>42</sup> Idem, ibidem 13, p.406.

## Referências Bibliográficas

- BADIOU, Alain e CASSIN, Barbara (2010). *Não há relação sexual: duas lições sobre o “aturdido” de Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- BORCH-JACOBSEN, Mikkel (1991). *El Amo absoluto*. Buenos Aires: Amorrortu editores S.A., 1995.
- BRAUNSTEIN, N. *GOZO*. São Paulo, SP: Editora Escuta Ltda, 2007.
- Dör, J. (1992) *Introdução à leitura de Lacan, vol. 2., Estrutura do sujeito*. Porto Alegre, Editora artes Médicas Sul Ltda, 1995.
- GARCIA-ROSA, L.A. *Acaso e repetição em psicanálise, uma introdução à teoria das pulsões*. 2. ed., Rio de Janeiro: Zahar, 2014.
- HOWARD, E. (1953). *Introdução à história da matemática*. Campinas, S.P.: Editora da Unicamp, 1995.
- LACAN, J. (1966). *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- \_\_\_\_\_. (1958-1959). *Le Séminaire livre VI, Le désir et son nterpretation*. Éditions de La Martinière et Le Champ Freudien Éditeur, 2013.
- \_\_\_\_\_. (1967-1968). *O Ato Psicanalítico*. Escola de Estudos psicanalíticos, Publicação para circulação interna e uso dos membros.
- \_\_\_\_\_. *D’ um Autre à autre*, Seuil, 2006.
- \_\_\_\_\_. (1971-1972). *...Ou pior, livro19*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- \_\_\_\_\_. (1975). *Mais, ainda, livro20*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- \_\_\_\_\_. (1978). *O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise, (1954-1955)*. Livro 2, Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- \_\_\_\_\_. (1991). *A transferência, (1960-1961)*. Livro 8, Rio de Janeiro: Zahar, 1992.
- \_\_\_\_\_. (2001). *Outros Escritos*, Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- LE GAUFEY, G. *La incompletude de lo simbólico: De René Descartes a Jacques Lacan*, 1. ed., Buenos Aires: Letra Viva/ Ediciones Lecol, 2012.
- MILLER, J.A. (2010) *Los divinos detalles*, 1. ed. 2 reimpressão, Buenos Aires: Paidós, 2011.

\_\_\_\_\_ (2010). *Extimidad*, 1. ed., 2 reimpressão, Buenos Aires: Paidós, 2011.

\_\_\_\_\_. *Donc, La lógica de la cura*. 1. ed., Buenos Aires: Paidós, 2011.

\_\_\_\_\_ et al. *Embrollos del cuerpo*. 1. ed., Buenos Aires: Paidós, 2012.

\_\_\_\_\_. *Introducción al método psicoanalítico*. 1 ed., 9 reimpressão, Buenos Aires: Paidós, 2012.

MORAN, Regina Célia de C.P. *Formalização da análise terminada e interminável por Lacan: iterações que podem ou não levar à travessia do fantasma*. **a Carta**, Campinas, Informativo da Associação Campinense de Psicanálise, n. 10, Outubro, 2015.

REGNAULT, F (1985). *Dios Es Inconsciente*. Ediciones Manancial SRL, 1986, reimpressão 1993, Buenos Aires, Argentina.

SAFOUAN, M. (2005). *Lacanianana II: Los Seminários de Jacques Lacan, 1964-1979*. 1. ed., 1 reimpressão, Buenos Aires: Paidós, 2009.

Contato com a autora:

Regina Célia de Carvalho Pinto Moran

reginaccp@icloud.com